

AQUISIÇÃO DAS PROPRIEDADES MORFOLÓGICAS E SEMÂNTICAS DO PRETÉRITO PERFEITO E IMPERFEITO DO PORTUGUÊS POR FALANTES NATIVOS DE CRIOULO DE CABO VERDE

Ana Sofia Sobral Fonseca

**Dissertação
de Mestrado em Ciências da Linguagem**

SETEMBRO DE 2010



Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Ana Madeira.

*A todos os familiares e amigos que contribuíram para a
realização deste trabalho.*

AGRADECIMENTOS

Aos familiares e amigos que contribuíram para a concretização deste trabalho e acompanharam o seu desenvolvimento;

Aos colegas dos Agrupamentos de Escolas de Vialonga e do Vale de Amoreira que se disponibilizaram para a selecção dos participantes e para a aplicação dos testes junto deles;

Aos alunos que aceitaram participar neste estudo.

RESUMO

AQUISIÇÃO DAS PROPRIEDADES MORFOLÓGICAS E SEMÂNTICAS DO PRETÉRITO PERFEITO E IMPERFEITO DO PORTUGUÊS POR FALANTES NATIVOS DE CRIOULO DE CABO-VERDE.

ANA SOFIA SOBRAL FONSECA

PALAVRAS-CHAVE: Acesso Pleno, Aspecto gramatical, Aspecto lexical, Categorias funcionais, Gramática Universal, Hipótese da Primazia do Aspecto, Língua Materna (L1), Língua Segunda (L2), Pretérito Perfeito, Pretérito Imperfeito.

O presente trabalho visou investigar a aquisição das formas morfo-fonológicas do Pretérito Perfeito e Imperfeito do Português e o seu mapeamento para os valores semânticos correspondentes, por falantes nativos de Crioulo de Cabo-Verde. Assumimos que o aspecto gramatical é um fenómeno regulado pela Gramática Universal, representado sintacticamente por uma categoria funcional *Asp*, e que as categorias funcionais e todos os seus traços são adquiríveis em língua segunda (2), o que pressupõe um acesso pleno à Gramática Universal, após a aquisição de uma língua materna (L1). Partindo deste pressuposto, procurámos perceber se a L1 dos aprendentes teria alguma influência na aquisição da distinção aspectual em estudo, ou se, pelo contrário, essa aquisição seria regulada por um fenómeno de índole universal, de acordo com a Hipótese da Primazia do Aspecto (Andersen & Shirai, 1996). Para alcançarmos os nossos objectivos, elaborámos um instrumento (teste lacunar de produção) de eliciação das formas em estudo. Os resultados indicam que os aprendentes conseguem associar aos valores semânticos que já dominam novas formas morfo-fonológicas e que a classe aspectual das formas verbais pode guiá-los na utilização da morfologia aspectual adequada, sobretudo em níveis avançados. Contudo, não conseguimos provar ou refutar categoricamente o papel da L1 neste processo.

ABSTRACT

THE ACQUISITION OF THE MORPHOLOGICAL AND SEMANTIC PROPERTIES OF THE PORTUGUESE *PRETÉRITO PERFEITO* AND *IMPERFEITO* BY NATIVE SPEAKERS OF CAPEVERDEAN CREOLE.

ANA SOFIA SOBRAL FONSECA

KEYWORDS: First language (L1), Full access, Functional categories, Grammatical aspect, Lexical aspect, *Pretérito Perfeito*, *Pretérito Imperfeito*, Primacy of Aspect Hypothesis, Second language (L2), Universal Grammar.

The present work aimed at investigating the acquisition of the morpho-phonological forms of the Portuguese *Pretérito Perfeito* and *Imperfeito* and their mapping onto the corresponding semantic values, by native speakers of Capeverdean Creole. We assumed that grammatical aspect is a phenomenon constrained by Universal Grammar (UG) encoded in a functional category (*Asp*), and that functional categories and their features are acquirable in second language (L2), thus implying full access to the UG after first language acquisition (L1). Under this assumption, we tried to figure out whether the learners' first language would influence the acquisition of the aspectual distinction we are investigating, or whether, on contrary, this acquisition would be constrained by a universal phenomenon, according to the Primacy of Aspect Hypothesis (Andersen & Shirai, 1996). In order to achieve this, we devised an instrument (a gap-filling production test) to elicit the forms under investigation. The results indicate that learners can associate the semantic values they already know with the new morpho-phonological forms and that lexical aspect can guide them in the selection of the adequate aspectual morphology, especially in advanced levels. Nevertheless, we were not able to prove or categorically refute the influence of the L1 in this process.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	2
I.1. A natureza das representações gramaticais e o papel da Gramática Universal em Aquisição de L2	2
I.2. O aspecto como categoria funcional	13
I.2.1. O aspecto: definições e terminologia	13
I.2.2. O aspecto gramatical em Português	19
I.2.3. O aspecto gramatical em Crioulo de Cabo Verde.....	22
I.3. Estudos anteriores e hipóteses sobre a aquisição de aspecto em L2	26
I.3.1. Factores pragmáticos: ausência de marcas morfológicas...	26
I.3.2. Factores semânticos: a Hipótese da Primazia do Aspecto..	28
I.3.2.1. A existência de categorias prototípicas	29
I.3.2.2. Factores baseados no <i>input</i> : A Hipótese da Tendência Distribucional	30
I.3.3. Factores relativos ao processamento cognitivo: A Hipótese do Marcador de Passado por Defeito.....	32
I.3.4. Factores Contextuais: A Hipótese do Discurso	33
I.3.5. A Hipótese Minimalista	34
I.3.6. A complementaridade entre os factores/hipóteses	35
II. O ESTUDO	38
II.1 A realização dos valores aspectuais perfectivo/imperfectivo em Português e Crioulo de Cabo Verde – problematização e implicações para os aprendentes	38
II.2. Questões orientadoras e hipóteses	40
II.3. Metodologia	45
II.3.1. Sujeitos	45
II.3.2. Métodos e Procedimentos	46
II.3.2.1. Materiais	46

II.3.2.2. Tratamento de dados	47
II.4. Apresentação de resultados	48
II.5. Discussão de Resultados	55
CONCLUSÃO.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61
Apêndice A: Formulário de consentimento.....	66
Apêndice B: Instrumento de Avaliação	67
Apêndice C: Dados numéricos	69

INTRODUÇÃO

Este estudo pretende investigar a aquisição das propriedades morfológicas e semânticas do Pretérito Perfeito e do Pretérito Imperfeito do Português por falantes nativos de Crioulo de Cabo Verde.

A aquisição das formas morfo-fonológicas das categorias funcionais de uma língua segunda ou estrangeira (L2) e o seu mapeamento para os valores semânticos adequados é hoje uma questão central nos estudos sobre aquisição de L2 (Montrul & Slabakova, 2002), bem como o papel que a Gramática Universal (GU) e a língua materna (L1) dos aprendentes desempenham nesse processo. Como tal, o que pretendemos com este estudo é apresentar mais um contributo para esta discussão.

Assumiremos, em primeiro lugar, que o aspecto gramatical é um fenómeno regulado pela GU, representado sintacticamente por uma categoria funcional *Asp*. De acordo com Chomsky (1995a), as categorias funcionais são categorias responsáveis pela instanciação da morfologia gramatical, que codificam as propriedades gramaticais associadas a um dado morfema. Constituem, portanto, um interface entre forma e sentido e representam um foco de variação paramétrica entre as línguas. A questão que se coloca em Aquisição de Língua Segunda é a de saber se estas categorias e os seus traços serão adquiríveis, isto é, se o acesso à GU se manterá na aquisição de outras línguas, após a aquisição de uma língua materna, e qual o papel da L1 nesse processo.

A posição que adoptaremos neste estudo é a de que as categorias funcionais e todos os seus traços são adquiríveis em L2, o que pressupõe um acesso pleno à GU. Partindo deste pressuposto, procuraremos ainda perceber se a língua materna dos aprendentes terá alguma influência na aquisição da distinção aspectual em estudo ou se, pelo contrário, essa aquisição será regulada por um fenómeno de índole universal (existência de categorias prototípicas), cujos fundamentos constituem a Hipótese da Primazia do Aspecto (Andersen & Shirai, 1996).

Nesse sentido, produzimos um instrumento de avaliação (teste de produção) que foi aplicado a falantes nativos de Crioulo de Cabo Verde, aprendentes de Português L2 (alunos do 2º e 3º ciclos do Ensino Básico), de nível de iniciação e avançado.

Com o objectivo de contextualizar esta investigação, apresentaremos, no enquadramento teórico, as várias propostas sobre as representações gramaticais e o

papel da Gramática Universal em Aquisição de L2. Além disso, definiremos os conceitos centrais do nosso estudo e descreveremos as propriedades aspectuais do Pretérito Perfeito e Imperfeito no Português e no Crioulo de Cabo Verde. Apresentaremos, ainda, as várias hipóteses teóricas que explicam a aquisição de aspecto em L2, relacionando-as com outros estudos sobre este assunto.

Seguidamente, problematizaremos as diferenças entre as duas línguas no que diz respeito aos valores aspectuais em estudo, com o objectivo de clarificar as questões que orientam a investigação e as hipóteses avançadas.

Serão também descritos os procedimentos relativos à selecção dos participantes, à avaliação do seu conhecimento das propriedades morfológicas e semânticas do Pretérito Perfeito e Imperfeito e ao tratamento dos dados obtidos. Finalmente, apresentaremos e discutiremos os resultados, estabelecendo as devidas relações com as molduras teóricas adoptadas e as hipóteses formuladas.

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

I.1. A natureza das representações gramaticais e o papel da GU em Aquisição de L2

No quadro da gramática generativa (Chomsky, 1986), a aquisição de uma língua materna (L1) pressupõe a existência de uma faculdade da linguagem – também designada como Mecanismo de Aquisição da Linguagem (“Language Acquisition Device”) –, que permite a aquisição de uma língua particular, pelo processamento do *input* facultado pelo meio: “One may think of this faculty as a “language acquisition device”, an innate component of the human mind that yields a particular language through interaction with presented experience (...)” (Chomsky, 1986:3).

Esta faculdade inclui uma Gramática Universal (GU) que poderá ser “entendida como a soma dos princípios linguísticos geneticamente determinados, específicos à espécie humana e uniformes através da espécie” (Raposo, 1992:46). Compreendendo que a GU tem de ser suficientemente flexível para acomodar a variação entre as línguas e suficientemente rígida para explicar as propriedades específicas do conhecimento final dos falantes, Chomsky (1981) propõe inicialmente o modelo dos Princípios e Parâmetros:

“The basic assumption of the P&P model is that languages have no rules at all in anything like the traditional sense, and no grammatical constructions (relative clauses, passives, etc.) except as taxonomic artifacts. There are universal principles and finite array of options as to how they apply (parameters).”

(Chomsky, 1995b:388)

Posteriormente, no Programa Minimalista, Chomsky (1995a) propõe que os princípios serão invariáveis e que os valores dos parâmetros estarão localizados no léxico, sendo os seus valores codificados nas categorias funcionais (como o aspecto). Estas constituem conjuntos de traços formais (\pm número, género, caso, etc.) e formas morfo-fonológicas (morfemas flexionais, por exemplo). Durante a aquisição de uma L1, o indivíduo selecciona a partir de um inventário universal de traços aqueles que são relevantes para a sua língua particular e aprende a associar esses traços aos morfemas que lhe correspondem. Compreendemos, assim, que a variação interlinguística é determinada pelos diferentes valores atribuídos às categorias funcionais.

Ora, quando se pretende estudar a aquisição de línguas segundas ou estrangeiras no quadro da gramática generativa importa perceber de que forma as gramáticas de interlíngua podem ou não ser caracterizadas em termos dos princípios e parâmetros da GU. Com efeito, a possibilidade de aquisição de categorias funcionais, dos seus traços e da sua realização morfo-fonológica constitui, actualmente, uma questão central nos estudos sobre a natureza das representações gramaticais e o papel da GU em Aquisição de Língua Segunda (L2) (Montrul & Slabakova, 2002).

De acordo com White (2003), será possível distinguir duas posições genéricas a este respeito, sendo que cada uma delas pode ser, ainda, subdividida em duas subcategorias mais específicas.

A primeira dessas posições aponta para um défice nos sistemas paramétricos, que pode ser de carácter global ou local. Entre os que postulam um défice global nos sistemas paramétricos, o que inviabiliza a existência de parâmetros em L2, encontram-se Clahsen & Hong (1995) e Neeleman & Weerman (1997). Acrescentamos que, para Clahsen & Hong (1995), os princípios da GU permanecem intactos; só os parâmetros são afectados por este défice global: “Whereas child L1 learners have full access to UG parameters, in adult L2 acquisition access to UG parameters has been lost, and UG principles are present only through the L2 learners’ first language.” (Clahsen & Hong, 1995: 59)

Partindo do princípio de que, se as gramáticas de interlíngua forem reguladas pela GU, as propriedades sintáticas e morfológicas associadas a um parâmetro constituem um *cluster*, sendo adquiridas em simultâneo, os investigadores que assumem esta posição procuram sustentá-la demonstrando a inexistência de *clusters* nas representações gramaticais em L2 (White, 2003).

Assim sendo, de acordo com esta perspectiva, em L2, cada construção teoricamente associada a um parâmetro terá de ser aprendida separadamente (White, 2003), através de uma estratégia designada *pattern matching*: “the learner concentrates on surface properties, unconsciously taking account of similarities and differences across various linguistic forms (Bley-Vroman, 1997 cit. White, 2003: 101).

Uma vez que é assumido que a construção das gramáticas de interlíngua é muito diferente da das gramáticas reguladas pela GU, importa saber como se explica esta especificidade.

Segundo Bley-Vroman, essa especificidade resulta do facto de a aquisição de uma L2 recorrer a mecanismos diferentes dos da aquisição de uma língua materna (L1), não sendo regulada pela GU: “first language development is controlled by an innate language acquisition system that no longer operates in adults.” (Bley-Vroman, 1989: 55). A ausência deste sistema de aquisição e a perda do acesso à GU serão compensados, ainda que de forma imperfeita, pelo conhecimento que os aprendentes possuem da sua L1 e pelo recurso a estratégias gerais de aprendizagem que permitem o processamento de sistemas formais abstractos:

“The function of the innate domain-specific acquisition system is filled in adults (though indirectly and imperfectly) by [this] native language knowledge and by a general abstract problem-solving system. I shall call this proposal the Fundamental Difference Hypothesis.”

(Bley-Vroman, 1989: 50)

Já Neeleman & Weerman (1997) avançam que a especificidade da construção das gramáticas das L2 resulta do facto de estas não serem reguladas pelos parâmetros disponibilizados pela GU. Por exemplo, de acordo com estes autores, as gramáticas dos aprendentes de L1 serão reguladas por um parâmetro de ordem de palavras (OV/VO) que não existe nas gramáticas de interlíngua: “the grammars of L1 acquirers (and adult native speakers) are constrained by a word-order parameter which is lacking in the

interlanguage grammars of L2 learners (White, 2003: 108). Consequentemente: “L2 acquisition involves the positing of construction-specific rules, guided by general learning strategies” (Neeleman & Weerman, 1997: 47).

Tendo definido de forma sumária as propostas dos que postulam um défice global do sistema paramétrico, apresentaremos agora a perspectiva dos que defendem que esse défice é apenas local, já que afecta os parâmetros associados às categorias funcionais, sendo que noutros aspectos a construção da gramática de interlíngua será regulada pela GU. Afirma-se, assim, a existência de parâmetros que, no entanto, poderão ser defectivos.

Esta perspectiva, defendida por Beck (1998, cit. White, 2003: 114), é conhecida por Local Impairment Hypothesis (White, 2003:114). Segundo esta autora, “interlanguage grammars suffer from some kind of permanent grammatical deficit as far as feature strength is concerned” (White, 2003: 114). Consequentemente, os traços das categorias funcionais das gramáticas de interlíngua permanecerão inertes ou não especificados (White, 1998), isto  , n o serão fixados, nem de acordo com o valor da L1, nem com o da L2. De acordo com White (2003), esta proposta de Beck será uma extens o da Hipótese dos Traços Inertes (Eubank, 1996):

“the L2 ‘initial state’ is, in fact, distinct from natural-language grammars in that the very act of transfer obliterates the values associated with features located under functional heads. The general idea is that such values are directly supported by - and are not independent of - information drawn from the lexicon, especially inflection; however, because inflection does not transfer from the learner’s NL to the initial L2 grammar, the values of these features disappear. It is these Valueless Features, represented by features with the nonvalue that I dubbed as <inert>, that differentiate the initial L2 grammar from the usual natural-language grammar”.

(Eubank, 1996: 73)

Há, no entanto, que destacar uma diferença fundamental entre ambas.

Assim sendo, Eubank relaciona o facto de os traços serem inicialmente inertes com a ausência de morfologia nos estádios iniciais da aquisição de L2 (White, 2003). Contudo,   medida que os aprendentes adquirem a morfologia da L2, adquirem o valor dos traços que lhe estão associados. Há, portanto, uma relação entre o domínio da morfologia da L2 e a fixação do valor dos traços. Compreendemos, deste modo, que a defectividade das gramáticas de interlíngua caracterizar  apenas as gramáticas iniciais,

pelo que a proposta de Eubank deverá ser incluída na perspectiva segundo a qual as gramáticas (finais) de interlíngua não apresentam défices e podem ser reguladas pela GU. Pelo contrário, segundo Beck (1998, cit. White, 2003), ainda que os aprendentes dominem a morfologia da L2 em causa, os traços permanecerão inertes ou não especificados. Além disso, mesmo que a performance dos aprendentes de uma L2 se aproxime da de um falante nativo dessa língua, isso não significa que o valor do parâmetro tenha sido fixado. Essa performance será o resultado do recurso a mecanismos explicitamente aprendidos (White, 2003).

À exceção da proposta de Eubank (1996), apresentámos até ao momento propostas segundo as quais as gramáticas de interlíngua não podem ser descritas em termos de parâmetros, já que poderá haver um défice global (ausência de parâmetros) ou local (défices em alguns parâmetros) a esse nível. Uma vez que, no quadro destas perspectivas, as gramáticas de interlíngua não são (totalmente) reguladas pela GU, concluímos que estas podem apresentar propriedades que não são características da linguagem natural (White, 2003).

Debrucemo-nos, então, agora sobre a perspectiva segundo a qual as gramáticas de interlíngua não apresentam défices e podem ser caracterizadas em termos de parâmetros da GU. Como foi anteriormente referido, é também possível distinguir duas grandes hipóteses dentro desta perspectiva.

Segundo a primeira hipótese – *no parameter resetting hypothesis* (White, 2003:119) –, a gramática de interlíngua é regulada pela GU, mas apenas os valores dos parâmetros da L1 aí estão representados, não estando disponíveis outras opções paramétricas além destas.

Hawkins & Chan (1997) apresentam, neste quadro, a proposta *Failed Functional Features Hypothesis*, que decorre da confirmação das predições da teoria de Tsimpli & Smith (1991) e Smith & Tsimpli (1995), sobre a disponibilidade parcial da GU em aquisição de L2, após o período crítico. Segundo esta teoria, os traços não especificados, associados ao estado inicial de categorias funcionais, só estão disponíveis até uma determinada idade. A exposição ao *input* de uma língua leva à fixação dos valores dos traços e à sua associação a determinadas formas morfo-fonológicas. Contudo, após o período crítico, os traços não especificados desaparecem, restando apenas aqueles que estão codificados em entradas de itens lexicais particulares e que

não podem ser modificados. Paralelamente, os princípios da GU permanecem disponíveis e regulam a construção da gramática:

“Since the UG lexicon is the locus of parametric options, it becomes impossible for language learners to set new parameters or reset options already fixed in the L1. At the same time, principles of UG like the Empty Category Principle (ECP), Subjacency, the Binding Principles, and so on, remain operative to constrain grammar construction.”

(Hawkins and Chan, 1997:189)

Posto isto, quando um aprendente inicia a aquisição de uma L2 após o período crítico, e se depara com valores de parâmetros diferentes dos da sua L1, passará por duas etapas no quadro da proposta de Hawkins & Chan (1997).

Num primeiro momento, uma vez que a componente morfo-fonológica dos itens lexicais funcionais não está sujeita a parametrização, os aprendentes vão mapear o novo material morfo-fonológico da L2 para as categorias funcionais da sua L1. Todavia, não terão acesso aos traços especificados para L2, ou seja, estarão a usar a morfologia da língua alvo com os valores especificados para a sua L1:

“Hence although a category like C will have the value of its features fixed for the L1 during the critical period, say to require an operator to raise to the specifier position of Complementizer Phrase (CP), it is still possible for an L2 learner to map new morphophonological material on to those features. For example, an English speaker learning French might map French *que* on to the features fixed for English *that*.”

(Hawkins & Chan, 1997: 189)

Num segundo momento, com a exposição contínua à L2 os aprendentes vão, progressivamente, aproximar a sua performance da dos nativos da L2 e afastar-se da L1. Uma vez que não podem alterar os traços especificados para a sua L1, os aprendentes vão criar representações da L2 que divergem das representações da sua L1 e da dos falantes nativos da L2. Tratar-se-á, contudo, de uma “gramática possível”, porque regulada pelos princípios da GU:

(...) given that the differently fixed functional features are inaccessible, they will establish grammatical representations which diverge from those of native speakers, as well as from their own L1s, but which are nevertheless constrained by the principles of UG: ‘possible grammars’.

(Hawkins & Chan, 1997: 216)

Em suma, nesta perspectiva não há um défice ao nível do sistema paramétrico, mas uma impossibilidade de re-fixar os valores dos parâmetros para especificações diferentes das da L1 do aprendente. Compreendemos, assim que, neste contexto, a aquisição de novas categorias funcionais, traços e valores por aprendentes adultos de uma L2 é impossível.

Chamamos a atenção para o facto de esta proposta ter sido reformulada por Tsimpli & Dimitrakopoulou (2007), que defendem que só os traços interpretáveis estarão disponíveis para a construção da gramática da L2, ao contrário de traços não-interpretáveis que não tenham sido fixados durante a aquisição de L1. Tal como as restantes propostas que defendem a existência de défices nas gramáticas de L2, esta hipótese – *Interpretability Hypothesis* – pressupõe a existência de um período crítico – “Critical periods are those during which experience is required to fix options offered by genetic endowment.” (Hawkins & Hattori, 2006: 271) – para a selecção de traços não-interpretáveis:

“(...) it maintains that uninterpretable features are subject to critical period constraints and, as such, they are inaccessible to L2 learners. In other words, L1 parametric values associated with these features resist re-setting in L2 acquisition. On the other hand, LF-interpretable features are accessible to the L2 learner, even if L2 differs from the native language (...).

(Tsimpli & Dimitrakopoulou, 2007: 224)

Debrucemo-nos, antes de mais, sobre as noções de “traço interpretável” e de “traço não interpretável”. Em primeiro lugar, os traços interpretáveis (semânticos) farão parte de um léxico universal e, além de serem importantes na computação sintáctica, são também usados na componente semântica (Forma Lógica), ou seja, desempenham um papel importante na determinação do sentido de expressões sintácticas:

“Interpretable syntactic features are those which, while relevant to syntactic computation, are also used by the semantic component in determining the meaning of syntactic expressions: features like [singular], [3rd person], [past] and [Q(uestion)]”.

(Hawkins & Hattori, 2006: 270)

Por sua vez, os traços não-interpretáveis (formais) serão aqueles que desempenham um papel importante na derivação sintáctica, mas não na interface com a componente semântica, a Forma Lógica:

“Uninterpretable features are the counterparts of interpretable features but are not usable by the semantic component. They may, however, have effects on the morpho-phonological realization of syntactic expressions. For example, a recent claim (Chomsky, 1998) is that finite T in English has uninterpretable person and number features. One consequence of this is that verb forms vary. For example, *be* in the present tense can take the forms (*I*) **am**, (*she*) **is**, (*we*) **are**. The contrast between these forms plays no role in semantic interpretation; *am*, *is*, *are* do not each mean something different. The person and number features that underlie *I*, *she* and *we* are, however, interpretable and the contrast between them is semantically relevant.”

(Hawkins & Hattori, 2006: 270)

De acordo com Tsimpli & Dimitrakopoulou (2007), a principal diferença entre os dois tipos de traços é o facto de os traços interpretáveis estarem representados simultaneamente no sistema linguístico e na forma lógica:

“This difference between the two sets of features is primarily based on the idea that interpretable features are represented both in the language system and in the LF interface, implying that they have a dual status in the mental lexicon: a linguistic and a conceptual one.”

(Tsimpli & Dimitrakopoulou, 2007: 224)

Visto que o acesso aos traços interpretáveis poderá ser feito através dos dois sistemas – linguístico e cognitivo –, os primeiros, ao contrário dos traços não-interpretáveis (que são seleccionados em resposta ao *input*), não estarão sujeitos ao período crítico:

“Thus, interpretability at LF implies that these features will be accessible either top-down (i.e. from the mental lexicon to the LF-interface) or bottom-up (i.e. from language to cognition). Thus, interpretable features are not subject to critical period constraints and can be acquired by L2 learners”

(Tsimpli & Dimitrakopoulou, 2007: 224)

Hawkins & Hattori (2006) avançam também outras hipóteses que poderão explicar o facto de apenas os traços não-interpretáveis estarem sujeitos ao período crítico. Segundo os autores, haverá vantagens em manter os traços interpretáveis disponíveis ao longo da vida, já que serão essenciais para a acomodação de novos itens lexicais:

“They are required for constructing new open class lexical items. Individuals, it seems, can and do learn new items at all ages, and languages are constantly adding to their stock of open class items. The availability of interpretable features is essential to this task.”

(Hawkins & Hattori, 2006: 271)

Por outro lado, não será muito vantajoso manter todos os traços não-interpretáveis permanentemente disponíveis (Hawkins & Hattori, 2006):

“All the options for uninterpretable features need to be available to the child initially because the child cannot know in advance whether the linguistic input to be encountered will show evidence of pro-drop or not, involve *wh*-movement or not, will have gender concord between Ns and Ds and As, or not, and so on. But it may be functionally economical if, after a given period during which the required features are selected, unselected uninterpretable features cease to be available.”

(Hawkins & Hattori, 2006: 272)

Esta indisponibilidade dos traços não-interpretáveis, após o período crítico, poderá dever-se a motivos de índole neurológica, relacionados com a necessidade de o cérebro canalizar a sua energia para componentes essenciais ao funcionamento cognitivo, em detrimento de outras (como os traços não-interpretáveis) (Hawkins & Hattori, 2006):

“(...) the Interpretability Hypothesis of Tsimpli (2003) proposes that uninterpretable syntactic features not selected during primary language acquisition from the inventory of features given by the initial state of UG will disappear following a critical period. Speculatively, this may be the effect of functional economy in the organization of the language faculty or energy efficiency constraints imposed by the neuro-anatomy of brain tissue.”

(Hawkins & Hattori, 2006: 295)

Acrescentamos que, de acordo com esta hipótese, quando a performance de um aprendente de uma L2 indiciar a aquisição de um traço não-interpretável que não faz parte da sua L1, não se deverá presumir que esse traço tenha sido adquirido (Hawkins & Hattori, 2006). Na verdade, o aprendente estará a mobilizar outros recursos da GU para construir uma representação desse traço que se aproxime da gramática dos nativos:

“The prediction is that speakers of an L1 (or L1s) with uninterpretable feature [*u*_] also present in the L2 will fully acquire target representations involving the feature [*u*_]. But

speakers of an L1 (or L1s) lacking [*u*₋] who are exposed to an L2 beyond some point of early development will no longer have that feature available, and will construct representations for the relevant L2 structures with alternative resources made available by UG.”

(Hawkins & Hattori, 2006: 295)

Conclui-se, deste modo, que, no âmbito desta proposta, o estágio final de aquisição será, pelo menos parcialmente, determinado pela L1: “the nature of ultimate attainment in a second language is partly, but not wholly, L1-determined (Hawkins & Hattori, 2006: 295).

A segunda grande posição, dentro da moldura teórica que defende que as gramáticas de interlíngua não apresentam défices e podem ser caracterizadas em termos de parâmetros da GU, postula que os valores dos parâmetros da L1 podem ser re-fixados. Deste modo, as gramáticas de interlíngua podem realizar valores de parâmetros distintos dos da L1, sendo que esses valores podem ser os da L2 ou de outra língua “possível”. Compreende-se, assim, que se pressupõe um acesso total à GU, pelo que “functional categories, features and feature values absent from the L1 grammar are instantiated in the interlanguage representation” (White, 2003: 127). Entre os que defendem esta posição é, ainda, possível distinguir três vertentes.

A primeira – *Full Transfer Full Access* (Acesso Pleno/Transferência Plena) –, representada por Schwartz & Sprouse (1994, 1996), postula que a gramática da L1 é o estágio inicial da gramática de interlíngua, pelo que os parâmetros da L2 serão, inicialmente, estabelecidos de acordo com os valores da L1: “According to the FT/FA model, the entirety of the L1 grammar (excluding the phonetic matrices of lexical/morphological items) is the L2 initial state (hence the term ‘Full Transfer’)” (Schwartz & Sprouse, 1996: 41). Contudo, à medida que o aprendiz vai acomodando o *input* da L2, os valores dos parâmetros serão restabelecidos em resposta às propriedades dessa língua: “each successive state in interlanguage emerges on the basis of the interaction of the L1 grammar (positive) input, principles of UG and aspects of a language learning procedure” (Schwartz & Sprouse, 1994: 361).

A segunda, *Full Access Without Transfer* (Acesso Pleno sem Transferência), representada por Epstein *et al.* (1996) e Flynn (1996) (cit. White, 2003: 128), postula que a L1 não está implicada na representação das gramáticas de interlíngua, nem inicialmente, nem em estágios subsequentes da aquisição da L2. Os parâmetros são

imediatamente estabelecidos de acordo com os valores da L2, como resultado da interacção entre a GU e o *input* da L2, sem fixação dos valores da L1.

Concluimos, assim, que as duas vertentes postulam que é possível adquirir os valores dos parâmetros da L2, mas variam quanto à presença dos valores da L1 no estágio inicial. Compreendemos, assim, que na primeira hipótese existe re-fixação de parâmetros (do valor da L1 para o valor da L2), enquanto na segunda existe apenas fixação de parâmetros de acordo com as propriedades da L2. Ainda assim, as duas propostas assumem que os aprendentes de uma L2 podem adquirir categorias funcionais da L2 não instanciadas na L1, bem como os traços, valores e formas morfo-fonológicas que lhes estão associados.

Chamamos ainda a atenção para a terceira posição, representada pela hipótese das Árvores Mínimas (Vainikka & Young-Scholten, 1994). De acordo com esta hipótese: “in both first and second language acquisition, the learner posits minimal trees based on the input, using principles of UG as a guideline” (Vainikka & Young-Scholten, 1994: 295). Por outras palavras, as componentes da GU estão disponíveis, mas a gramática inicial do aprendente estará limitada a categorias lexicais. Ao contactar com o *input* da L2, o aprendente irá criar apenas as representações sintácticas (as “árvores”) necessárias à análise dos dados que lhe chegam. Será, assim, a aprendizagem de formas funcionais que despoletará a aquisição das categorias funcionais que lhes estão associadas. Daqui decorrem duas conclusões importantes. Em primeiro lugar, a L1 não vai condicionar o desenvolvimento de propriedades associadas a traços funcionais. Em segundo lugar, poder-se-á explicar a aquisição gradual das opções paramétricas da L2 sem recorrer à ideia de maturação: os parâmetros serão fixados de acordo com a GU à medida que o aprendente recebe evidência positiva da sua existência no *input*, sem passar pelas opções da gramática da L1. Esta proposta difere da de Schwartz & Sprouse (1996), na medida em que estes assumem que o aprendente parte das opções da gramática da L1 e depois altera o valor dos parâmetros, se diferentes.

Será importante referir que as duas primeiras posições associadas a esta segunda grande perspectiva vão ao encontro dos pressupostos da hipótese da Continuidade Forte, segundo a qual todas as categorias e as suas propriedades, ainda que diferentes das da língua alvo, estão representadas na gramática desde os estádios iniciais do processo de aquisição. Por sua vez, a terceira posição apresentada é consistente com a hipótese da Continuidade Fraca, segundo a qual há categorias sintácticas ou propriedades

disponibilizadas pela GU que não estão presentes nas gramáticas iniciais, sendo a sua aquisição determinada pelo *input* linguístico.

Sintetizando as duas grandes perspectivas apresentadas sobre a representação gramatical em L2, concluímos que a primeira defende um défice nos sistemas paramétricos, que pode ser de carácter global (pelo que a gramática de uma L2 não apresentará qualquer tipo de parâmetros) ou local (sendo que, neste caso, só os parâmetros afectos às categorias funcionais permanecerão inertes ou não especificados).

A segunda grande perspectiva sobre a representação gramatical em L2 postula que as gramáticas de interlíngua não apresentam défices e podem ser caracterizadas em termos de parâmetros da GU. Podemos distinguir duas posições dentro desta perspectiva. De acordo com uma dessas posições, só os valores dos parâmetros da L1 estão representados na gramática de interlíngua, não estando disponíveis outras opções paramétricas além destas. No entanto, a outra proposta defende que é possível adquirir valores de parâmetros diferentes dos da L1, sendo que essa aquisição pode resultar de uma fixação imediata ou gradual dos valores dos parâmetros da L2 ou de uma re-fixação dos valores da L1 de acordo com as propriedades da L2.

I.2. O Aspecto como categoria funcional

I.2.1. O aspecto: definição e terminologia

O facto de a categoria aspecto não estar totalmente desligada da noção de tempo e de a terminologia gramatical tratar distinções aspectuais como temporais (Comrie, 1976) dificulta por vezes a compreensão e a diferenciação destes dois conceitos. Importa, portanto, antes de mais, clarificá-los.

O “tempo” é uma categoria deíctica, na medida em que localiza cronologicamente uma situação – passado, presente ou futuro – relativamente a um outro momento que pode ou não corresponder ao momento da enunciação: “tense relates the time of the situation referred to to some other time, usually to the moment of speaking.” (Comrie, 1976: 1).

Por sua vez, o aspecto diz respeito à forma como um acontecimento é estruturado linguisticamente, no interior do tempo que lhe é associado (Campos, 2002). Por outras palavras, o aspecto dá conta da forma como a estrutura interna de um

acontecimento é perspectivada – “Aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation” (Comrie, 1976:3).

De acordo com Smith (1999), o conceito de aspecto referia, tradicionalmente, a representação da estrutura interna dos acontecimentos através de pontos de vista gramaticalizados, ou seja, através de morfemas (aspecto gramatical). Contudo, o valor aspectual de uma frase está também dependente das propriedades semânticas da situação linguística descrita (aspecto lexical). Importa, assim, compreender que o aspecto é constituído por duas componentes (aspecto gramatical ou *ponto de vista* e aspecto lexical ou *situação aspectual*), que se manifestam linguisticamente de forma diferente: “viewpoint aspect is signalled by a grammatical morpheme, while situation aspect is expressed by a constellation of lexical morphemes” (Smith, 1991: 8). O valor aspectual de um enunciado resulta, portanto, da interacção entre estas duas componentes: “the aspectual meaning of a sentence is a composite of the information from both components” (Smith, 1991: 4).

Antes de as descrevermos com mais detalhe, será importante recordar que a categoria aspecto será encarada como um parâmetro da Gramática Universal, ou seja, como um sub-sistema com a sua própria organização interna e características, sendo as componentes mencionadas os princípios que determinam a sua realização linguística (Smith, 1991):

“Universal Grammar provides the formal essentials of aspectual systems: the two components of situation aspect and viewpoint aspect, and their interaction in sentences. The components realize the various categories of the basic aspectual distinctions.”

(Smith, 1991: 23)

Debrucemo-nos, então, sobre as duas componentes aspectuais mais detalhadamente.

No que diz respeito ao aspecto gramatical ou *ponto de vista* (*viewpoint aspect*), procuraremos defini-lo a partir da proposta de Smith: “Aspectual viewpoints function like the lens of a camera, making objects visible to the receiver” (Smith, 1991: 91). Com efeito, é o facto de os acontecimentos poderem ser perspectivados a partir de pontos diferentes – “Viewpoint gives the receiver a full or partial view of a situation.” (Smith, 1991: 5) – que dá origem a valores aspectuais distintos. Entre esses valores,

realizados linguisticamente por meio de morfemas, como já referimos, destacamos o valor aspectual perfectivo e o valor aspectual imperfectivo.

Terá valor aspectual perfectivo o acontecimento que é perspectivado na sua globalidade como um todo fechado, integrando, por isso, um ponto inicial e um ponto terminal (Campos, 2002). A mesma ideia é corroborada por Smith (1991): “Sentences with a perfective viewpoint present a situation as a single whole. The span of the perfective includes the initial and final endpoints of the situation: it is closed informationally” (Smith, 1991: 103).

Se o valor aspectual perfectivo apresenta uma situação linguística como um todo, incluindo, de forma mais ou menos explícita, os seus pontos inicial e terminal, já o valor aspectual imperfectivo dá conta de uma “parte” da situação, sem facultar qualquer tipo de informação sobre esses dois momentos: “Imperfective viewpoints present part of a situation, with no information about its endpoints. Thus imperfectives are open informationally. The unmarked imperfective spans an interval that is internal to the situation” (Smith, 1991: 111).

Concluimos, assim, que o aspecto perfectivo resulta da adopção de um ponto de vista que se assume como externo à estrutura do acontecimento linguístico e que o aspecto imperfectivo resulta da adopção de um ponto de vista que parte do interior da situação:

“the perfective looks at the situation from outside, without necessarily distinguishing any of the internal structure of the situation, whereas the imperfective looks at the situation from inside, and as such is crucially concerned with the internal structure of the situation, since it can both look backwards towards the start of the situation, and look forwards to the end of the situation, and indeed is equally appropriate if the situation is one that lasts through all time, without any beginning and without any end.”

(Comrie, 1976:4)

Acrescentamos que o aspecto gramatical, enquanto categoria da GU, está sujeito a parametrização: “the viewpoint component of an aspectual system is parameterized. The evidence provided by input from a given language enables the learner to fix the parameter for that viewpoint” (Smith, 1991: 91). Assim sendo, poderá realizar-se de forma diferente nas várias línguas: “Grammatical aspect is obligatorily encoded in the form of auxiliaries plus participles (e.g. *Passé Composé* in French), inflectional

morphology (Imperfect-Preterite in Spanish), periphrastics (progressive in English, French and Spanish)” (Salaberry, 1998:4).

Contudo, é preciso ter em conta que estas categorias aspectuais específicas de uma língua são sempre manifestações de categorias gerais estruturadas de acordo com os princípios da GU: “Universal Grammar provides a general schema for each viewpoint. The particular viewpoints of individual languages are instances of the general categories” (Smith, 1991: 91).

No que diz respeito ao aspecto lexical ou situação aspectual, será importante referir, em primeiro lugar, que este resulta de propriedades semânticas dos predicados, a partir das quais estes são organizados em classes aspectuais. Sendo assim, de acordo com a tipologia de Vendler (1967), os predicados podem ser organizados em quatro classes: *achievements* – *desmaiar, chegar, entrar, sair...* –, *accomplishments* – *almoçar, comer um bolo, descascar uma laranja* –, *activities* – *correr, nadar, ler, escrever...* – e *states* – *ser simpático, saber línguas, estar em casa....* Outros autores, como Smith (1991), propõem ainda a existência de uma quinta classe de verbos: os verbos semelfactivos (como *espirrar*, por exemplo).

Estas cinco classes encontram correspondência na terminologia apresentada por Oliveira (2003), que vamos utilizar. Assim sendo, o conceito de *activities* corresponderá ao que a autora designa de *processos*; o termo *accomplishments* será o equivalente de *processos culminados*; a noção de *achievements* corresponderá a *culminações*; a classe *states* corresponderá ao conceito de *estados* e os verbos semelfactivos serão designados *pontos*¹.

Como referimos, o que distingue estas classes umas das outras é o facto de cada uma delas representar um conjunto de propriedades que contrastam entre si: “The situation type names – State, Activity, Accomplishment, Semelfactive, Achievement – function as shorthand for the cluster of properties that distinguish the situation types” (Smith, 1991: 28). De acordo com Smith (1991), essas propriedades correspondem a três traços semânticos binários (positivo ou negativo): [\pm dinâmico], [\pm télico] e [\pm durativo].

¹ Neste estudo, porém, estes verbos serão tratados como culminações.

O primeiro traço – [\pm dinâmico] – permite a distinção das classes aspectuais entre estados – estáticos – e eventos (dinâmicos: culminações, processos culminados, processos, e pontos): “The feature of stativity bifurcates situation types into the classes of states and events” (Smith, 1991: 28).

Da mesma forma, o traço [\pm télico] também permite a divisão das classes aspectuais apresentadas em dois grupos. São predicados télicos aqueles que contêm, intrinsecamente, isto é, “na sua definição um ponto terminal inerente ou “telos” (Campos, 2002: 4), como, por exemplo, o verbo *morrer*. Chamamos a atenção para o facto de, por vezes, a telicidade dos predicados ser consequência da presença de um argumento contável na posição de objecto directo: *ler o Memorial do Convento*, *cantar um fado da Amália*, *escrever duas cartas* (Campos, 2002: 4). Por sua vez, os predicados atélicos são “aqueles que representam situações que não contêm na sua definição um telos ou ponto terminal inerente, não sendo, portanto, quantificados intrinsecamente” (Campos, 2002: 4). São exemplos de predicados atélicos *correr*, *nadar*, *cantar* e *escrever cartas* ou *ler romances*. Compreendemos, deste modo, que os processos culminados e culminações serão enquadrados numa classe télica e os processos e estados numa classe atélica. As questões de telicidade não serão relevantes para a classe dos pontos, já que o seu carácter instantâneo os torna “eventos temporalmente indivisíveis” (Oliveira, 2003).

Finalmente, o traço [\pm durativo] distingue as situações de acordo com o período de tempo que demoram a realizar-se. Assim sendo, esta propriedade terá um valor positivo no caso dos estados, processos e processos culminados e terá um valor negativo no caso das culminações e pontos.

O seguinte quadro sintetiza o que até aqui foi referido relativamente às propriedades das classes aspectuais:

Classes/Propriedades	Dinamismo	Telicidade	Duração
Estados (<i>States</i>)	-	-	+
Processos (<i>Activities</i>)	+	-	+
Processos culminados (<i>Accomplishments</i>)	+	+	+
Culminações (<i>Achievements</i>)	+	+	-
Pontos (<i>Semelfactive</i>)	+	(-)	-

De acordo com Smith (1991), os estados (*states*) são, portanto, caracterizados pelo seu carácter não dinâmico e durativo e pela ausência de uma estrutura interna: “States thus consist of an undifferentiated period. They do not change of themselves, but require an external agency for the change into or out of state” (Smith, 1991: 37).

Os processos (*activities*) poderão ser descritos como eventos atélicos durativos, cuja estrutura interna constitui um conjunto de estádios homogêneos e sucessivos com um ponto final arbitrário:

“Activities are processes that involve physical or mental activity, and consist entirely in the process. (...) Such events have no goal, culmination or natural final point: their termination is merely the cessation of activity.”

(Smith, 1991: 44, 45)

Por sua vez, os processos culminados (*accomplishments*) constituem eventos télicos durativos, cuja estrutura consiste num processo de estádios sucessivos com um ponto final natural, após o qual se verifica uma mudança de estado:

“Accomplishments consist of a process and an outcome, or change of state. The change is the completion of the process. Typical examples are [build a bridge], [walk to school], [repair a radio], [drink a glass of wine]. Accomplishments have successive

stages in which the process advances to its conclusion. Accomplishments result in a new state.”

(Smith, 1991: 49)

As culminações (*achievements*) caracterizam-se pelo facto de produzirem mudanças de estado instantâneas: “Achievements are instantaneous events that result in a change of state such as [break], [reach the top], [leave], [recognize aunt Jane]” (Smith, 1991: 58).

Finalmente, os pontos (*semelfactives*), embora sejam [-durativos] como as culminações, são temporalmente indivisíveis e não admitem estados resultantes: “Semelfactives do not have preliminary stages, nor resultant stages” (Smith, 1991: 55).

Reforçamos ainda a ideia de que, como alguns dos exemplos apresentados revelam, é todo o sintagma verbal e não apenas o verbo que determina a classe aspectual da relação predicativa. A “constelação de morfemas lexicais” – através da qual o aspecto lexical se manifesta linguisticamente – referida por Smith (1991) inclui, pois, o verbo e os seus argumentos, em particular os argumentos internos.

Para concluir será também importante mencionar que as informações veiculadas por cada uma das componentes do aspecto co-existem simultaneamente numa frase (Smith, 1991). Contudo, são independentes, ou seja, duas frases podem ser apresentadas de acordo com o mesmo ponto de vista (perfectivo ou imperfectivo), diferindo no que diz respeito à classe aspectual do seu predicado, como os exemplos de Smith (1991:95) atestam:

1) They built a sand castle. (processo culminado)

2) Jane swam in the river. (processo)

Verificamos, assim, que ao mesmo ponto de vista (perfectivo, neste caso) poderão corresponder diferentes situações aspectuais: “the situation type of a sentence is transparent to the receiver whatever its viewpoint” (Smith, 1991: 95).

1.2.2.O Aspecto Gramatical em Português

De acordo com Martins (2008), “o desenvolvimento e a aquisição das noções de tempo e aspecto nas línguas românicas são particularmente sensíveis à distinção aspectual perfectivo / imperfectivo” (Martins, 2008: 6). Com efeito, a aquisição deste

contraste pressupõe o conhecimento dos morfemas que o expressam e a sua associação aos valores que veiculam.

Em Português, a distinção perfectivo/imperfectivo é transmitida de uma forma muito clara por morfemas de tempo-modo-aspecto (TMA). Apesar de haver outros tempos verbais que expressam estes valores, vamos apenas debruçar-nos sobre aqueles que constituem o objecto de estudo deste trabalho: o Pretérito Perfeito (Simples) e o Pretérito Imperfeito. Embora ambos codifiquem um valor temporal de passado, os valores aspectuais que traduzem são distintos.

Assim, quando se utiliza o Pretérito Perfeito, o acontecimento linguístico é construído como delimitado no tempo e, conseqüentemente, terminado num momento passado, o que lhe confere um valor aspectual perfectivo.

Contudo, de acordo com Oliveira (2003), esta associação entre Pretérito Perfeito e aspecto perfectivo só poderá ser estabelecida se se entender a perfectividade como uma situação concluída e não como uma noção relacionada com a existência de um estado conseqüente. Para a autora, este tempo não será sempre perfectivo, mas sim terminativo, pois “marca um momento em que um estado ou um evento terminou, podendo só nos casos em que há culminação inferir-se um estado conseqüente.” Atentemos nos exemplos apresentados pela autora (Oliveira, 2003:156), a fim de clarificarmos a sua posição:

(3) *A Maria esteve doente.*

(4) *A Maria escreveu a carta.*

(5) *A Maria ganhou a corrida.*

(6) *A Maria correu.*

Analisando os exemplos apresentados verificamos que apenas as frases (4) e (5) serão consideradas perfectivas, já que delas se podem inferir estados conseqüentes: “a carta está escrita” e “a corrida está ganha”. Nos outros casos, o Pretérito Perfeito apenas dá conta do carácter terminado das situações descritas.

Tradicionalmente, o valor temporal do Pretérito Perfeito constrói-se relativamente ao momento da enunciação, como os exemplos anteriores demonstram, sendo que, por vezes, este tempo verbal é acompanhado de adverbiais de tempo como

ontem, anteontem, na semana passada, há uma semana, há quinze dias, há duas semanas, no ano passado, há um ano, no mês passado, há um mês...

(7) ***Ontem*** comi uma maçã.

(8) ***Na semana passada*** corri 3 Km.

Pode ser também utilizado para referir um acontecimento passado ocorrido imediatamente antes ou depois de um outro acontecimento passado, sendo, neste caso, acompanhado de expressões como *logo que* ou *mal* (Osório & Fradique, 2008):

(9) ***Mal entrei*** em casa o telefone ***tocou***.

(10) ***Logo que chegou*** a Portugal, o João ***adoeceu***.

No entanto, este tempo pode também articular-se com um tempo posterior, como o seguinte exemplo atesta:

(11) *Quando a Maria chegar a Portugal daqui a um mês, já o Pedro ***partiu*** para França há uma semana.*

No que diz respeito ao Pretérito Imperfeito, será importante referir que, apesar de veicular um valor de passado, não apresenta muitas vezes características temporais. Com efeito, o Imperfeito pode ser utilizado como forma de delicadeza, expressando modalidade:

(12) *Quer*a um café, *por favor*.

Acrescentamos que o Pretérito Imperfeito é considerado um “tempo alargado”, já que pode “transformar eventos télicos em predicados atélicos não delimitados no tempo, havendo também a possibilidade de os transformar em estados” (Oliveira, 2003: 140). Atentemos no seguinte exemplo:

(13) *A Maria ***fazia*** o jantar quando o Pedro entrou em casa.*

Neste caso, em primeiro lugar, o predicado <*fazer o jantar*>, associado ao Pretérito Imperfeito, perde o seu carácter télico. Além disso, a *entrada* de Pedro estará incluída no período de tempo relativo a <*fazer o jantar*> que, por sua vez, pode continuar para além da *entrada*, não estando, por isso, delimitado no tempo. Compreendemos, assim, a associação do Pretérito Imperfeito a um valor imperfectivo.

Como o exemplo apresentado também demonstra, este tempo verbal surge muitas vezes em enunciados que incluem “uma oração temporal (*quando/enquanto*), ou

então uma expressão adverbial de quantificação temporal (ou de eventos), como *sempre* ou *muitas vezes*, ou, no caso dos estados, de localização temporal” (Oliveira, 2003: 140):

(14) *Enquanto ela lia um livro o marido fez o jantar e pôs a mesa.*

(15) *A Maria espirrava sempre que havia ar condicionado.*

(16) *Dantes, eu sabia andar de bicicleta.*

Naturalmente, a combinação com estas expressões confere ao Pretérito Imperfeito valores distintos. Deste modo, o exemplo (14) dá conta da simultaneidade de duas acções; o exemplo (15) dá conta do carácter repetido ou frequente de uma acção no passado; e o exemplo (16) exprime um valor de passado durativo.

Em jeito de conclusão, reforçamos a ideia de que a combinação do Pretérito Imperfeito com estas estruturas adverbiais contribui para a construção dos acontecimentos linguísticos como não delimitados no tempo, conferindo aos predicados um valor imperfectivo.

I.2.3. O Aspecto Gramatical em Crioulo de Cabo Verde

Como refere Veiga (1995:196), “o Crioulo, sem descurar o sistema temporal e modal, confere uma importância primordial ao sistema aspectual”. Acrescentamos que a referência temporal se constrói em torno desta categoria: “the construction of temporal reference gravitates largely around Aspect” (Pratas, 2007:98).

Em primeiro lugar, nesta língua, a distinção estativo/não estativo é fundamental. Com efeito, a combinação de um predicado estativo (inerentemente atético) ou não estativo (sem atelicidade inerente) com o morfema Ø traduz valores aspectuais e temporais distintos. Assim, um verbo estativo combinado com o morfema Ø expressa o presente, preservando o seu valor imperfectivo:

(17) *Pursor sabe mas di ki alunus.* (Pratas, 2007: 99)

professor saber mais de que alunos.

“O professor sabe mais do que os alunos.”

Já um verbo não estativo combinado com o morfema Ø indica um tempo passado e adquire um valor perfectivo (Pratas, 2007):

(18) *E odja.* (Pratas, 2007: 65)

“Ele viu.”

Também o valor dos morfemas que actualizam o aspecto – *ta* e *sata*, (pré-verbais), e *ba* (pós-verbal) – é condicionado pela classe aspectual do predicado, além de outros morfemas, advérbios e informação discursiva.

Debrucemo-nos então sobre os valores aspectuais traduzidos por esses morfemas quando combinados com verbos não estativos, de acordo com a proposta de Pratas (2007: 68).

Com estes verbos, o morfema *ta* (pré-verbal) marca o presente e admite uma leitura habitual (valor imperfectivo):

(19) *N ta kanta.* (Veiga, 1995:198)

1SG TMA cantar

“Canto - sou cantor.”

Por sua vez –*ba* (pós-verbal) afixa-se ao verbo, marcando a anterioridade relativamente ao passado (valor perfectivo):

(20) *E odjaba.* (Pratas, 2007: 65)

3SG verTMA

“Ele tinha visto/vira”.

Quando –*ba* surge combinado com *ta* (pré-verbal), marca a anterioridade relativamente ao presente e adquire uma leitura habitual de passado, semelhante a um dos valores do Pretérito Imperfeito em Português:

(21) *E ta odjaba* (Pratas, 2007: 65)

3SG TMA verTMA

“Ele olhava.”

O morfema –*ba* pode ainda combinar-se com *sata*, traduzindo um valor de passado progressivo (imperfectivo):

22) *N sa ta skrebeba.* (Veiga, 1995:198).

1SG TMA escreverTMA

“Estava a escrever.”

Na ausência de *-ba*, as formas *sata* e *sta ta* (pré-verbais) veiculam um valor progressivo no presente:

(23) *E sata / sta ta odja* (Pratas, 2007: 65)

3SG TMA/TMA ver.

“*Ele está a ver*”.

Finalmente, a combinação *ta staba* + *ta V+ba* indica uma situação progressiva habitual ou repetida no passado. Nestes contextos, a habitualidade do progressivo no passado pode ser reforçada pelo adverbial *sempre*:

(24) *E ta staba tudora ta odjaba.* (Pratas, 2007: 65)

3SG TMA sempre TMA verTMA

“*Ele estava sempre a ver.*”

Relativamente aos verbos estativos, começámos por referir que, quando combinados com o morfema Ø, expressam o presente, não admitindo uma leitura perfectiva. Contudo, no caso desta classe de verbos – a presença de outros elementos na frase, combinada com o morfema Ø, obriga a uma leitura de passado perfectivo:

“when it is combined with a zero morpheme but also combined with certain sentence elements (like the adverbial *onti* ‘yesterday’ and an object that implies a closed period of time – the watching of a movie), the reading is not imperfective – that is, the tense is not Pres, as expected for the bare form of stative verbs, but PastPer.”

(Pratas, 2007:100)

Nestes casos, porém, estamos perante uma entrada eventiva (não estativa) destes verbos:

(25) *Onti N sabe ma Djon gosta di Maria.*

Ontem 1SG saber que Djon gosta de Maria.

“*Ontem fiquei a saber que o Djon gosta da Maria.*”

Debrucemo-nos, agora, sobre os valores dos verbos estativos quando combinados com morfemas. Segundo a mesma autora (Pratas, 2007), o morfema *ta* implica uma leitura com valor futuro:

(26) *E ta gosta.* (Pratas, 2007: 65)

3SG TMA gostar.

“*Ele gostará.*”

Quando *ta* surge associado a *-ba*, o verbo adquire um valor condicional:

(27) *E ta gostaba.* (Pratas, 2007: 65)

3SG TMA gostarTMA

“Ele gostaria.”

Neste caso, a combinação de *ta* e *-ba* não produz uma leitura habitual no passado, como se verifica com verbos não estativos.

Por sua vez, o morfema *-ba*, pós-verbal, marca o passado com uma leitura imperfectiva:

(28) *E gostaba.* (Pratas, 2007: 65)

3SG gostarTMA

“Ele gostava.”

No que diz respeito ao morfema *dja* (que em alguns contextos assume a função de adverbial: *agora*), assumir-se-á que este constitui um marcador do valor perfectivo (Baptista, 2002).

Temos consciência de que a descrição aqui apresentada não traduz a complexidade associada à construção da referência temporal em crioulo, já que esta é uma categoria composicional (Pratas, 2007):

“Tense and Aspect are, in Capeverdean, a complex matter of cooperation between a relatively small set of morphemes, auxiliary forms, and a huge amount of possible combinations with verbal semantic properties, adverbial expressions, temporal clauses and discourse information. In other words, this construction of **temporal reference** is typically compositional.”

(Pratas, 2007: 61).

Pretendemos apenas apresentar sumariamente a forma como o aspecto gramatical é marcado nesta língua, no sentido de facilitar a comparação com o Português.

I.3. Estudos anteriores e hipóteses teóricas sobre a aquisição de aspecto em L2

Tendo apresentado os conceitos e a terminologia fundamental do nosso estudo e as propriedades aspectuais do Português e do Crioulo de Cabo Verde, apresentaremos seguidamente as várias hipóteses teóricas e os factores que explicam a aquisição de aspecto em L2, relacionando-os com estudos anteriores sobre esta problemática.

I.3.1. Factores pragmáticos: ausência de marcas morfológicas

A maior parte dos aprendentes de uma L2 não marca as distinções de tempo e aspecto através de morfologia verbal nos estádios iniciais da aquisição. Isto não significa, contudo, que os aprendentes não tenham consciência dessas distinções ou que não as expressem quando usam a L2. De facto, de acordo com a proposta que apresentamos nesta secção, quando a referência temporal/aspectual não é marcada através de morfemas, o aprendente apoia-se em mecanismos pragmáticos de dois tipos: princípios de organização de discurso e referência implícita (Salaberry & Ayoun, 2005).

No âmbito dos princípios de organização do discurso, é possível distinguir dois tipos de mecanismos: o princípio de ordem cronológica e o princípio da parentetização (Salaberry & Ayoun, 2005). O primeiro consiste em expressar eventos de acordo com a ordem cronológica em que ocorreram. Por sua vez, o segundo consiste na aposição de informação contextual: “temporal embeddings which are not elements of the temporal discourse organization, that is, background information” (Salaberry & Ayoun, 2005: 12).

Quando o aprendente recorre a mecanismos de referência implícita pode, por um lado, servir-se da classe aspectual do predicado para expressar valores aspectuais e temporais. Como refere Salaberry: “lexical aspectual categories (inherent temporal reference represented in verbal predicates) allow the learner to convey temporal coherence without explicit linguistic devices of the target language” (Salaberry, 2000: 54). Além disso, pode também recorrer a expressões de localização espacial que, quando associadas a outros elementos, permitem a localização de acontecimentos no tempo:

“the association of local expressions (e.g. name of city where one used to live and name of city of present dwelling) may help convey reference about temporality (e.g. past and present).

(Salaberry, 2000: 54)

Segundo Salaberry & Ayoun (2005) são, sobretudo, os aprendentes em contexto naturalista que recorrem a estes mecanismos pragmáticos para expressar distinções aspectuais e temporais:

“In essence, naturalistic learners seem to be especially affected by the particular contextual features of natural discourse: the use of verbal morphology is not necessary to establish communication in the L2.”

(Salaberry & Ayoun, 2005: 12)

Além disso, o processo de aquisição da morfologia verbal é, no caso destes aprendentes, mais lento e gradual: “among natural learners the development of verbal endings is a slow and gradual process which in some cases takes years and in others merely leads to fossilization.” (Salaberry, 2000: 55).

Estudos levados a cabo por vários autores (Noyau, 1984,1990, Trévis, 1987 e Schumann, 1987, cit. Salaberry & Ayoun, 2005: 12) vão ao encontro destas conclusões: aprendentes de uma L2 que não desenvolveram a morfologia verbal dessa língua são capazes de construir narrativas complexas recorrendo a mecanismos linguísticos e não-linguísticos.

Schumann (1987, cit. Salaberry & Ayoun, 2005:12) introduz o conceito de *basilang state* para designar esta fase caracterizada pela marcação de distinções temporais e aspectuais sem recurso a morfologia verbal. De acordo com o mesmo autor, *basilang*

“constitutes a system of communication: the formal linguistic features of interlanguage will develop to the extent that communication does not break down. For instance, morphosyntactic aspectual markers will not be a necessary feature of this type of interlanguage insofar as other temporal markers fulfil the function of marking aspect in some other way.”

(Salaberry & Ayoun, 2005: 13).

Assim sendo, a referência temporal será marcada através de advérbios; serialização (a ordem pela qual se apresentam os enunciados reflecte a ordem dos

acontecimentos); expressões de tempo (*em 1989; em Abril; na semana passada*) e referência implícita (a referência temporal é inferida a partir do contexto). Compreendemos, deste modo, que o discurso *basilang* se constrói a partir de mecanismos cognitivos de índole pragmática: “*basilang speech is acquired through the pragmatic functions of the mind’s general cognitive mechanisms and therefore does not attain morphosyntactic regularity.*” (Schumann, 1987: 39 cit. Salaberry, 2000: 56).

Os estudos a que aludimos sugerem, uma vez mais, que aprendentes em contexto formal de aprendizagem adquirem a morfologia verbal de uma L2 mais rapidamente do que aprendentes em contexto naturalista: “*the analysis of data from studies based on adult natural learners do not show any extended use of verbal morphology as usually reported in the case of classroom learners*” (Salaberry, 2000: 57).

I.3.2. Factores semânticos: A Hipótese da Primazia do Aspecto

A hipótese que agora se apresenta tem como premissa a ideia de que as distinções aspectuais precedem a marcação de tempo em aquisição de L2. Por outras palavras, estabelece-se uma relação entre a aquisição da morfologia verbal do passado e as classes aspectuais dos predicados, já que os morfemas flexionais vão correlacionar-se com os verbos em função das suas propriedades semânticas e não em função do tempo gramatical (Andersen & Shirai, 1994).

De acordo com Andersen & Shirai (1994), esta relação entre a selecção dos morfemas e as classes aspectuais dos predicados decorre de dois princípios: o Princípio da Relevância (*Relevance Principle*) – segundo o qual o aspecto é mais importante para a construção do sentido do verbo do que o tempo, modo ou concordância – e o Princípio da Congruência (*Congruence Principle*) – segundo o qual os aprendentes seleccionam os morfemas cujo valor aspectual é mais consistente com o valor aspectual do verbo. São estes princípios, sobretudo o Princípio da Relevância, que sustentam a ideia, já apresentada, de que, em estádios iniciais da aquisição de uma L2, a morfologia verbal é usada para expressar apenas distinções aspectuais: “*in early stages of acquisition verbal morphology encodes only inherent aspectual distinctions (i.e., it does not encode tense or grammatical aspect)*” (Salaberry & Ayoun, 2005: 14).

Debrucemo-nos agora sobre as propostas avançadas para explicar este fenómeno, de acordo com Andersen & Shirai (1996).

I.3.2.1. A existência de categorias prototípicas

Segundo Andersen & Shirai (1996) e (Shirai, 2002), a aquisição da morfologia verbal em L2 pode estar relacionada com a existência de categorias prototípicas:

“this approach assumes an internal structure within a category, with some members of the category being more basic, or more prototypical than others. The idea was originally proposed regarding natural categories as “bird”, for which prototypical members are “robin”, “sparrow”, etc., and peripheral members include “penguin”.

(Shirai, 2002: 457)

Aplicando esta ideia à aquisição da morfologia verbal em L2, postula-se que, uma vez que os aprendentes de uma L2 não serão capazes de assimilar e utilizar todos os valores semânticos que um morfema pode ter, a sua representação inicial será limitada aos valores mais prototípicos que lhe estão associados:

“For example, the prototypical past describes a situation which is [+ punctual], [+ telic] and [+ result], i.e. it tends to describe an instantaneous event that results in some observable result.”

(Shirai, 2002: 457)

Este valor prototípico do passado será, então, adquirido mais cedo do que outros valores não prototípicos que este tempo possa ter (Shirai, 2002). Como tal, segundo Shirai (1991), Andersen & Shirai (1994) e Shirai & Andersen (1995) (cit. Shirai, 2002: 457): “the association observed between inherent aspect and verb morphology in L1 and L2 acquisition can be attributed to the acquisitional sequence from the prototype to peripheral members of the linguistic categories”. Esta sequência de aquisição explica-se da seguinte forma:

“Prototypes of particular linguistic forms have very strong connection with the forms (in this case past and imperfective markers) and can easily receive enough activation and be produced. The past tense form, for example, has a very strong connection with achievement verbs, completion, punctuality, and so forth. If these features are involved, the past tense form easily gets enough activation and is more frequently produced in learners’ speech. Non-prototypical members do not have as strong connections, and

therefore are less likely to be produced and/or tend to be acquired later than prototypical members.”

(Shirai, 2002: 473)

Tendo por base a noção de protótipo, Andersen & Shirai (1996) estabelecem os quatro pilares que constituem os fundamentos da hipótese da Primazia do Aspecto. Assim sendo, (i) os marcadores perfectivos serão utilizados, numa primeira fase, com eventos télicos e o seu uso só se estenderá a outras classes aspectuais mais tarde; (ii) o marcador imperfectivo aparecerá mais tarde do que o perfectivo, associando-se, inicialmente, a eventos atélicos (estados e processos) e só posteriormente a eventos télicos; (iii) o uso de formas do progressivo perifrástico aparecerá inicialmente associado a processos e só depois se estenderá a eventos télicos; (iv) o uso do progressivo perifrástico não se estenderá a verbos estativos.

A partir destes pilares, Andersen (1991) define os oito estádios sequenciais de aquisição dos marcadores de aspecto gramatical de acordo com as classes aspectuais dos verbos. Como tal, num primeiro momento (i) os aprendentes de uma L2 não utilizam morfemas para marcar tempo e aspecto; (ii) num segundo estágio, verifica-se um recurso à morfologia do Pretérito Perfeito com verbos que expressam valores pontuais; (iii) em terceiro lugar, a morfologia do imperfeito aparece associada a verbos estativos; (iv) posteriormente, a morfologia do Pretérito Perfeito é usada com processos culminados e a do imperfeito com processos (todos os verbos são marcados no passado); (v) num quinto estágio, os processos culminados podem surgir associados à morfologia do imperfeito ou do perfeito; (vi) seguidamente, os processos começam também a surgir associados à morfologia do perfeito ou do imperfeito; (vii) os eventos pontuais podem ser marcados com a morfologia do imperfeito ou do perfeito e, finalmente, (viii) verbos estativos são codificados com o aspecto perfectivo.

I.3.2.2. Factores baseados no *input*: A Hipótese da Tendência Distribucional

De acordo com Andersen & Shirai (1996), se os falantes nativos de uma determinada língua usarem a morfologia verbal com uma tendência distribucional consistente com a Hipótese da Primazia do Aspecto, é natural que o uso que os aprendentes dessa língua fazem dessas formas reflecta essa mesma hipótese.

Por outras palavras, a presença dos elementos a adquirir no *input* que os aprendentes recebem e a forma como estes se distribuem também podem influenciar a selecção dos morfemas de tempo e aspecto:

“if learners closely follow native speakers in the percentage of past tense/progressive tense that appears with each aspectual class of verbs, then learners also mirror native speaker knowledge of T/A meanings.”

(Slabakova & Montrul, 2002: 371)

Por exemplo, o facto de os falantes nativos de Inglês Americano usarem sobretudo formas *-ing* com processos e formas do *past simple* com culminações e processos culminados influencia a associação desses morfemas a essas classes aspectuais (Salaberry & Ayoun, 2005) por parte dos aprendentes. Da mesma forma, o facto de um determinado morfema de tempo ou aspecto surgir frequentemente associado a um tipo de texto ou a uma sequência num texto também condiciona os aprendentes de uma L2.

Será importante referir que estas tendências distribucionais podem estar associadas a convenções culturais específicas. De acordo com Smith: “conventions involve standard and marked choices, shared information between speaker and receiver, and other pragmatic considerations. The conventions are principles for language use rather than rules” (Smith, 1991:12). As dificuldades na aquisição surgem quando estas convenções aceites pelos falantes nativos de uma língua não são partilhadas pelos aprendentes dessa língua: “The conventions of use represent the type of information that the native speaker may not share with the non-native speaker and where the discrepancies between them may surface.” (Salaberry, 2000: 69)

De acordo com Salaberry (2000), não há muitos estudos sobre esta hipótese. Aqueles que existem evidenciam sobretudo as diferenças que ressaltam de contextos de aprendizagem distintos: contexto naturalista vs. contexto formal. Com efeito, a influência do *input* faz-se notar sobretudo em aprendentes em contexto naturalista, já que, em contexto formal de aprendizagem, o contacto com *input* da L2 é mais restrito e menos natural:

“classroom discourse tends to efface the normal characteristics of everyday discourse. Therefore, if students do not have access to natural pieces of discourse, it is unlikely

that the normal distribution of aspectual markers in the target language will guide learners in their use of aspectual distinctions in the target language.”

(Salaberry, 2000: 69, 70)

Apresentadas as propostas que poderão explicar o fenómeno da Primazia do Aspecto, será ainda importante referir que, de acordo com Salaberry (2000), esta hipótese enfrenta problemas de dois tipos: teóricos e empíricos. Em primeiro lugar, os dois princípios fundadores desta proposta (*o Princípio da Relevância e o Princípio da Congruência*) não explicam o uso do Pretérito Perfeito após o estágio (v): “the aspect hypothesis is relevant for the development of L2 past tense marking until stage 4.” (Salaberry, 2000: 62). Em segundo lugar, são poucos os estudos que fornecem evidência para os estádios de aquisição apresentados: “several studies (...) have failed to obtain evidence for several of the proposed stages of sequential development of L2 aspect”. (Salaberry, 2000: 63). A este respeito, poderemos referir, em particular, o estudo levado a cabo por Salaberry (2002) com aprendentes de Espanhol L2 em contexto formal, cujos resultados, embora não refutem a relação entre aspecto lexical e selecção da morfologia verbal, põem em causa a principal premissa que sustenta esta hipótese:

“the effect of lexical aspect on the selection of Past tense verbal endings in L2 Spanish is not as strong during the early stages of acquisition of L2 Spanish as is evident in more advanced levels of proficiency (among English-speaking adults classroom learners).”

(Salaberry, 2002: 407)

I.3.3. Factores relativos ao processamento cognitivo: a Hipótese do Marcador de Passado por Defeito

Vários estudos sobre a aquisição de L2 sugerem que, nos estádios iniciais, os aprendentes marcam sobretudo distinções temporais, em detrimento de distinções aspectuais, apoiando-se apenas nos morfemas do passado que expressam valores perfectivos (Salaberry & Ayoun, 2005).

Por um lado, de um ponto de vista puramente linguístico, será o contraste perfectivo/imperfectivo que levará os aprendentes a apoiarem-se apenas num morfema do passado que consideram ser a forma não marcada. De acordo com alguns autores, a forma não marcada da dicotomia perfectivo/imperfectivo será o valor perfectivo.

Por outro lado, este fenómeno poderá dever-se a factores de índole cognitiva que constroem os aprendentes no sentido de marcarem primeiro os contrastes de tempo e, posteriormente, os contrastes aspectuais.

Chamamos a atenção para o facto de esta noção de “marcador de passado por defeito” só ser relevante em estádios iniciais da aquisição:

“during the very early stages of development, tense (as represented in the L1) will guide the marking of L2 past tense marking. Later on, as the learner gains more experience with the L2, past tense marking gradually starts to correlate with the values of lexical aspectual classes until, finally, learners arrive at a more advanced stage of development in which past tense markers are used irrespective of the lexical value of the verb phrase.”

(Ayouun & Salaberry, 2005: 271)

De facto, se os aprendentes de uma L2 em estádios iniciais de aquisição revelam dificuldades em libertar-se do uso prototípico de um marcador de tempo e aspecto, o mesmo já não se verifica com aprendentes de nível avançado: “the learner’s use of morphology tends to be restricted to the basic, prototypical use, whereas proficient speakers can manipulate the full-potential of the grammatical morphology” (Shirai, 2002: 458).

I.3.4. Factores Contextuais: A Hipótese do Discurso

Bardovi-Harlig (1994, cit. 43 cit. Salaberry & Ayouun, 2005) apresenta outra proposta que não se baseia nas propriedades semânticas do verbo, mas sim na estrutura narrativa do discurso. Assim sendo, a selecção de morfologia de tempo e aspecto é influenciada por factores contextuais acima do nível da frase: tipo de texto e ancoragem narrativa. Recuperando a proposta de Hopper (1982, cit. Salaberry & Ayouun, 2005: 16), Salaberry & Ayouun (2005) explicitam o fundamento desta hipótese da seguinte forma: “the nature of aspectual distinctions cannot be characterized by semantics in a consistent way: the adequate reference may only come from a global discourse function” (Salaberry & Ayouun, 2005: 16).

No quadro desta moldura teórica, a hipótese mais influente é a Hipótese do Discurso Interaccional (*Interactional Discourse Hypothesis*): “learners use emerging

verbal morphology to distinguish foreground from background in narratives” (Bardovi-Harlig, 1994: 43 cit. Salaberry & Ayoun, 2005: 17). De acordo com esta hipótese, o uso da morfologia do Pretérito Perfeito surgirá associado ao primeiro plano (*foreground*) e a do imperfeito ao plano de fundo (*background*): “verbal morphology acquisition is based on narrative structure, past tense forms being mapped on the foreground and a much bigger morphological diversity being mapped on the background” (Slabakova & Montrul, 2002: 371).

De notar que estes dois níveis narrativos, primeiro plano e plano de fundo, se correlacionam respectivamente com as noções de télico e atélico: “telic and atelic events are correlated with the foreground and background of a story.” (Salaberry, 2000: 63). Verifica-se, assim, que haverá uma certa complementaridade entre esta hipótese e a hipótese da Primazia do Aspecto:

“there is an inherent overlap in the prediction offered by the account based on the lexical semantic value of the verb and the discourse-based approach, since completed events and punctual events sometimes define the notion of foreground”

(Salaberry, 2000: 65).

1.3.5. Factores Sintácticos: A Hipótese Minimalista

A Hipótese Minimalista tem sido a principal moldura teórica utilizada em estudos recentes e procura explicar a aquisição de propriedades aspectuais no quadro dos fenómenos sintácticos regulados pela Gramática Universal (GU): “The Minimalist hypothesis predicts that the semantic nuances of aspectual phenomena can be explained in syntactic terms” (Salaberry & Ayoun, 2005: 23).

No âmbito desta teoria, a distinção entre categorias lexicais e categorias funcionais é fundamental. As primeiras são projectadas por palavras com informação lexical – verbos, nomes, adjectivos, advérbios e preposições – que, de acordo com os seus traços categoriais ($\pm N$, $\pm V$), se combinam para criar o sentido idiossincrático de cada frase. As segundas, como já referimos anteriormente, são responsáveis pela instanciação de morfologia flexional (morfemas do passado e do presente, morfema do aspecto progressivo...). Compreendemos, assim, que o sentido das frases é determinado pela combinação dos sentidos veiculados pelas categorias funcionais (gramaticais) e pelos sentidos veiculados pelas categorias lexicais.

Assume-se, então, que as categorias funcionais são pontos de interface entre forma e significado: “they encode the functional (or grammatical) meanings related to the particular inflectional morphemes, including tense and aspect morphology.” (Slabakova & Montrul, 2002: 364).

Tendo em conta que, de acordo com Chomsky (1995a) as categorias funcionais constituem o foco das diferenças inter-linguísticas, adquiri-las pressupõe a aquisição da morfologia e da interpretação que lhe está associada na L2. O aprendente de uma L2 enfrentará, assim, uma de três alternativas (Slabakova & Montrul, 2002):

- i) os traços de uma categoria funcional da L1 são idênticos aos da L2;
- ii) a categoria funcional da L2 não é instanciada na L1, logo o aprendente terá de aprender a sua realização morfológica e traços formais na L2;
- iii) a categoria funcional é instanciada na L1 e na L2, mas o traço especificado é diferente (o aprendente tem de adquirir as novas especificações de traço, sendo a interpretação correcta um indicador de sucesso da aquisição).

Acrescentamos que, no quadro desta hipótese minimalista, Schell (2000, cit. Salaberry & Ayoun, 2005: 28) define três estádios de aquisição do aspecto em L2 – (i) transferência da L1; (ii) atenção ao aspecto lexical do verbo, que orienta o aprendente na atribuição de morfologia, (iii) compreensão do carácter composicional do aspecto (incorporação de factores discursivos, nomeadamente distinções aspectuais do tipo: primeiro plano / plano de fundo).

Resta-nos reforçar a ideia de que, no âmbito desta perspectiva, o desenvolvimento da gramática de interlíngua dos aprendentes (e, neste caso concreto, a aquisição de propriedades aspectuais em L2) é sempre regulado pela Gramática Universal: “Semantic interpretations are captured by formal features. UG provides (and constrains) an array of all formal features that are possible to express in a natural language” (Slabakova & Montrul, 2002: 372).

I.3.6. A complementaridade entre os factores /hipóteses

Segundo Ayoun & Salaberry (2005) as hipóteses apresentadas não têm de ser encaradas como compartimentos estanques sem qualquer relação umas com as outras. Pelo contrário, uma moldura teórica satisfatória terá de considerar a forma como as

diferentes áreas da linguística – sintaxe, morfologia, semântica, discurso-pragmática – se interrelacionam e integram os seus contributos para explicar a aquisição de propriedades aspectuais em L2:

“the different explanatory accounts are not necessarily competing with one another. Instead, they can be seen as complementing each other, each providing a different piece of information from its own perspective.”

(Ayoum & Salaberry, 2005: 264)

Com efeito, muitos dos factores a que aludimos – o contexto de aprendizagem, as características do *input* a que os aprendentes estão expostos, nomeadamente o tipo de formas e classes aspectuais (factores semânticos) predominantes ou a tipologia textual em que ocorrem (factores discursivos), entre outros – influenciam-se mutuamente e concorrem lado a lado para o esclarecimento dos processos de aquisição de aspecto em L2:

“all these factors may generate important interaction effects. Thus it is quite likely that learning setting brings about specific types of input biases and, in turn, these biases are probably represented by particular weights of verbs belonging to specific lexical aspectual classes embedded in specific levels of textual grounding.”

(Ayoum & Salaberry, 2005: 266)

Como tal, é, por vezes, difícil discriminar o contributo específico de algumas hipóteses. Falamos em concreto das predições da Hipótese da Primazia do Aspecto e da Hipótese do Discurso, que, como vimos anteriormente, se correlacionam:

“The similarities that underlie the criteria distinguishing foreground and background information and the classification of verbs according to inherent semantic value are remarkable: telic and atelic events are correlated with the foreground and background of a story, respectively.”

(Salaberry & Ayoum, 2005: 27)

Acrescentamos que as discrepâncias entre as várias hipóteses não se devem ao facto de umas serem mais correctas do que outras, mas sim ao facto de as diferentes predições poderem ser relacionadas com um estágio de desenvolvimento que cada uma pretende descrever:

“When we consider the role that different factors play during different stages of development of past tense marking (...), we can probably make better sense of the apparently contradictory findings that seem to challenge the hypothesis about tense-aspect development (...)”

(Ayoun & Salaberry, 2005: 276)

Da mesma forma que os factores que explicam a aquisição de aspecto em L2 se relacionam e influenciam, também os processos que potenciam essa aquisição evidenciam semelhanças (Ayoun & Salaberry, 2005). Esses processos relacionam-se com dois grandes modelos de aquisição em L2.

De acordo com um desses modelos, a representação linguística é o produto de processos cognitivos gerais. Falamos do *Modelo da Competição* de MacWhinney (2002) que vai mais longe do que as propostas apresentadas na secção I.1. (referimo-nos às propostas que defendem que as gramáticas de interlingua não são (totalmente) reguladas pela GU), não atribuindo à GU qualquer papel quer na aquisição de L1, quer na aquisição de L2:

“The Competition Model views both first and second language learning as constructive, data-driven processes that rely not on universals of linguistic structure, but on universals of cognitive structure. It attributes development to learning and transfer, rather than to the principles and parameters of Universal Grammar.”

(MacWhinney, 2002:1)

De acordo com o outro modelo – o modelo linguístico modular – a aquisição de uma L2 é regulada pela Gramática Universal: “the central factor that can help us account for developmental sequences and acquisition in general is the representation of linguistic categories as governed by Universal Grammar” (Ayoun & Salaberry, 2005: 266).

Apesar das diferenças entre os dois modelos, Ayoun & Salaberry (2005) destacam algumas semelhanças entre ambos. Em primeiro lugar, os autores estabelecem uma relação de similaridade entre a proposta de MacWhinney (2002) – “lexical items are activated before full syntactic frames are composed” (2002:3) – e o facto de, no âmbito da perspectiva minimalista, se postular a distinção entre categorias lexicais e funcionais e a natureza sequencial da aquisição. Em segundo lugar, consideram que, em ambas as perspectivas, a complexidade dos processos cognitivos necessários à aquisição

de uma L2 pode impedir o alcance de um estágio final de aquisição, próximo de uma competência quase-nativa. Com efeito, apesar de, no modelo modular, as gramáticas da L2 serem reguladas pela GU – pelo que as categorias funcionais e traços serão, em princípio, adquiríveis –, os aprendentes poderão ter dificuldades no mapeamento de traços abstractos para a morfologia da L2, já que esta tarefa será cognitivamente mais exigente. Com efeito, mesmo que a categoria funcional a aprender esteja presente na sua L1, o aprendente terá de associar a valores já conhecidos formas morfo-fonológicas totalmente novas. Compreendemos, assim, que, apesar de os aprendentes terem acesso à GU, a sua performance pode nem sempre corresponder à performance de um falante nativo (Epstein *et al*, 1996).

Além disso, para Salaberry & Ayoun (2005), estes dois modelos – cognitivo e linguístico modular – oferecem explicações diferentes para os mesmos dados de desenvolvimento e para uma definição e sequencialização de estádios muito semelhante. De facto, ambos os modelos preconizam um primeiro estágio em que prevalece o uso de morfemas com valores temporais da L1, um segundo estágio em que os morfemas de passado começam a ser associados aos valores das classes aspectuais; e um terceiro estágio em que esses morfemas são amplamente utilizados, independentemente do valor lexical do predicado (Salaberry & Ayoun, 2005).

Como se pode verificar, estes estádios de desenvolvimento relacionam-se com as hipóteses teóricas apresentadas anteriormente.

II. O ESTUDO

II.1. A realização dos valores aspectuais perfectivo/imperfectivo em Português e Crioulo de Cabo Verde – problematização e implicações para os aprendentes

Tendo descrito de forma muito sumária a actualização dos traços [\pm perfectivo] nas duas línguas em questão para este estudo (secções I.2.2. e I.2.3. acima), procuraremos agora problematizar as diferenças entre elas, no sentido de formularmos algumas hipóteses e predições sobre a aquisição do aspecto em Português L2 por falantes nativos de Crioulo de Cabo-Verde (CCV).

Em primeiro lugar, ao contrário do Português, a morfologia flexional do CCV é pobre. Recordamos que, em CCV, a maior parte dos verbos se encontra reduzida à

forma do infinitivo em Português, com apócope do *-r*, ou à 3ª pessoa do singular do presente do indicativo (Silva, 1984), sendo que, como vimos, os valores temporais e aspectuais são traduzidos por morfemas livres, na sua maioria. Já no caso do Português a distinção perfectivo/imperfectivo surge gramaticalizada através da morfologia flexional do Pretérito Perfeito e do Imperfeito.

Esta diferença fundamental tem, naturalmente, implicações ao nível da aprendizagem do Português L2 que importa destacar, partindo do confronto das duas línguas no que diz respeito à realização concreta dos valores aspectuais em estudo.

Assim sendo, se o valor perfectivo se actualiza, em Português, através da morfologia do Pretérito Perfeito, já em CCV essa actualização realiza-se por meio de um morfema Ø. Terão valor perfectivo os verbos não estativos e estativos acompanhados de morfema Ø, sendo que, no caso dos segundos, esse valor só é realizado na presença de outros elementos, como advérbios ou objectos que impliquem um período de tempo delimitado, dando assim lugar a uma entrada eventiva (não estativa).

No que diz respeito às implicações na aprendizagem decorrentes destas diferenças, o facto de o valor perfectivo não ser gramaticalizado em CCV pressupõe que os aprendentes de Português L2 tenham de compreender que, nesta língua, esse valor corresponde à morfologia do Pretérito Perfeito. Como tal, terão de associar a um valor aspectual já conhecido uma forma morfo-fonológica que não existe na sua língua. Este facto implica, pois, que nos interroguemos sobre as eventuais dificuldades enfrentadas pelos aprendentes de Português L2 no mapeamento da morfologia de superfície desta língua.

Além disso, o facto de o valor perfectivo dos verbos estativos estar dependente da presença de adverbiais ou objectos poderá gerar erros de interpretação de verbos estativos com valor perfectivo em Português, quando não acompanhados desses elementos.

No que diz respeito ao valor imperfectivo, destacaremos apenas as formas que, em CCV, traduzem os sentidos expressos pelo Pretérito Imperfeito do Português. Verificamos, assim, que, em ambas as línguas, a actualização desse valor é concretizada pela presença de um morfema. No caso do Português, trata-se do morfema do Pretérito Imperfeito e, no caso do CCV, do morfema *-ba*. Com verbos não estativos *-ba* solda-se

ao verbo, sendo que este terá de ser antecedido de *ta* (morfema livre) para que o valor em questão se actualize.

Quando combinado com *sata*, *-ba* traduz ainda um valor de passado progressivo. Finalmente, a combinação *ta staba* + *ta V+-ba* indica uma situação progressiva habitual ou repetida no passado. No caso dos verbos estativos, a simples presença de *-ba* veiculará o valor imperfectivo.

Tendo em conta o que acabámos de apresentar, concluímos que a interpretação dos verbos não estativos, com valor imperfectivo, do Português pode revelar-se problemática. Não esqueçamos que em CCV, e no caso desta classe de verbos, este valor está associado à presença do morfema livre pré-verbal *ta*. Na sua ausência, os verbos não estativos seguidos de *-ba* traduzem um valor perfectivo de anterioridade relativamente ao passado. Ora, a ausência de um morfema livre que anteceda uma forma verbal no Imperfeito em Português pode levar os aprendentes a uma interpretação incorrecta dos valores expressos por este tempo verbal. Além disso, o CCV dispõe de morfemas distintos para expressar os diferentes valores imperfectivos dos verbos não estativos (*ta V-ba*, para o valor habitual, e *sata V-ba* para o valor progressivo), o que não se verifica em Português, pelo que a aquisição dos diferentes valores semânticos do Pretérito Imperfeito poderá ser mais difícil.

Chamamos ainda a atenção para o facto de, em CCV, o valor dos morfemas ser condicionado pela classe aspectual dos predicados (como vimos, a distinção estativo/não estativo é fundamental). Como tal, os morfemas terão um valor relativo. Por sua vez, em Português, os morfemas preservarão o seu valor aspectual, independentemente do aspecto lexical do verbo ao qual se soldam, revestindo-se, por isso, de um valor absoluto. Será, assim, essencial que tenhamos em conta o facto de, inicialmente, os aprendentes poderem apoiar-se na classe aspectual dos verbos para interpretarem ou seleccionarem a morfologia aspectual.

II. 2. Questões Orientadoras e Hipóteses

A problematização das diferenças entre os sistemas aspectuais das duas línguas em estudo permitiu-nos já levantar algumas questões sobre a aquisição das propriedades morfológicas e semânticas do Pretérito Perfeito e do Pretérito Imperfeito do Português. Nesta secção apresentá-las-emos de forma mais explícita, relacionando-as com as

posições teóricas que iremos adoptar, de modo a criarmos hipóteses para o nosso estudo.

O objectivo do nosso estudo é investigar se os falantes de Crioulo de Cabo Verde L1 serão capazes de adquirir as propriedades morfológicas e semânticas do Pretérito Perfeito e do Pretérito Imperfeito do Português, ou seja, se serão capazes de associar a valores semânticos que já dominam (Perfectivo e Imperfectivo) novas formas morfo-fonológicas.

Levantam-se, assim, duas questões de investigação importantes:

1. Será que a aquisição da morfologia do Pretérito Perfeito e Imperfeito pressupõe necessariamente o conhecimento dos valores semânticos associados a essas formas e vice-versa?
2. Será que a aquisição de aspecto em L2 é influenciada pela L1 dos aprendentes ou é determinada por factores de índole universal?

Tendo em conta que existe evidência da aquisição de propriedades gramaticais que não estão presentes na L1, nem directamente representadas no *input* linguístico, assumiremos que, na aquisição de uma L2, haverá acesso pleno à GU. Por outras palavras, os aprendentes poderão adquirir categorias funcionais da L2 não instanciadas na L1, pela re-fixação de parâmetros (do valor da L1 para o valor da L2) ou fixação de parâmetros de acordo com as propriedades da L2, sem passar pela L1.

Recordemos que, de acordo com Slabakova & Montrul (2002), as categorias funcionais são o ponto de encontro entre formas e sentidos: “that is, they encode the functional (or grammatical) meanings related to the particular inflectional morphemes, including tense and aspect morphology” (Slabakova & Montrul, 2002: 364).

A adopção desta posição implica necessariamente que a aquisição de uma categoria funcional pressupõe o conhecimento das formas morfo-fonológicas e dos valores semânticos que lhe estão associados. Contudo, o facto de um aprendente ser capaz de utilizar a forma morfo-fonológica de uma determinada categoria funcional não implica necessariamente o conhecimento pleno dos valores semânticos que lhe estão associados. Por exemplo, tendo em conta que, em CCV, são utilizados diferentes

morfemas para expressar os vários valores imperfectivos dos verbos não estativos, ao contrário do que se passa em Português, é possível que os falantes dessa língua utilizem e reconheçam a morfologia do Pretérito Imperfeito sem lhe associarem todos os valores que expressa. Por outro lado, poderão apresentar défices no uso da morfologia do Pretérito Perfeito e Imperfeito, mas serem capazes de interpretar os seus valores semânticos.

No que diz respeito à segunda questão de investigação, apesar de as alternativas apresentadas serem conciliáveis no âmbito da hipótese teórica que vamos adoptar – acesso pleno à GU –, os seus pressupostos e predições são diferentes.

No primeiro caso, estamos a assumir a possibilidade de a aquisição da L2 ser condicionada, inicialmente, pela transferência de propriedades da L1 (Gabriele *et al*, 2005, Gabriele & Martohardjono, 2005), o que pressupõe percursos de aquisição diferentes em função da língua materna dos aprendentes. A gramática da L1 será então o estágio inicial da gramática de interlíngua, pelo que os parâmetros da L2 serão, inicialmente, estabelecidos de acordo com os seus valores. À medida que o aprendente vai acomodando o *input* da L2, os valores dos parâmetros serão re-fixados em resposta às propriedades dessa língua. Esta perspectiva enquadra-se, pois, na proposta de Transferência Plena/Acesso Pleno representada por Schwartz & Sprouse (1994).

Debrucemo-nos, então, sobre as predições que decorrem desta posição. Como vimos, o valor perfectivo dos verbos estativos em CCV está dependente da presença de adverbiais ou objectos, pelo que a ausência desses elementos poderá gerar erros de interpretação de verbos estativos com valor perfectivo em Português. Este facto poderá, pois, fazer prever uma maior precisão na interpretação e utilização da morfologia do Pretérito Perfeito quando associada a verbos não estativos.

Esperamos, ainda, uma maior precisão na interpretação e utilização da morfologia do Imperfeito com verbos estativos do que com verbos não estativos (incluindo processos). As dificuldades na aquisição do Pretérito Imperfeito com esta classe de verbos dever-se-ão ao facto de, à semelhança do que ocorre no Português, a ausência de um morfema pré-verbal, em CCV, estar associada a um valor perfectivo. Recordamos que em CCV, e no caso dos verbos não estativos, este valor está associado à presença do morfema livre pré-verbal *ta*, sendo que a sua ausência e a presença do morfema *-ba* configuram um valor perfectivo de anterioridade relativamente ao

passado. Assim sendo, a ausência de um morfema livre que anteceda um verbo não estativo no Imperfeito, em Português, pode levar os aprendentes a uma interpretação/utilização incorrecta dos morfemas associados a este tempo verbal, quando combinado com esta classe aspectual. Além disso, como já referimos, o CCV dispõe de morfemas distintos para expressar os diferentes valores imperfectivos dos verbos não estativos, o que não se verifica em Português, pelo que a interpretação dos diferentes valores semânticos do Pretérito Imperfeito pode revelar-se igualmente problemática². Este facto poderá também justificar uma maior precisão no uso de morfologia do Pretérito Imperfeito com estados.

Será importante referir que estas predições se referem essencialmente aos estádios iniciais de aprendizagem. Esperamos, pois que, em estádios mais avançados da aquisição do Português L2, as dificuldades referidas diminuam.

A segunda alternativa que se propõe relativamente à aquisição de aspecto em L2 postula que esta é determinada exclusivamente por factores universais, que determinam percursos de aquisição muito semelhantes. Nesta perspectiva, a L1 do aprendente não está implicada na representação das gramáticas de interlíngua, pelo que os parâmetros são fixados de acordo com os valores da L2 (sem alteração dos valores da L1), como resultado da interacção entre a GU e o *input* da L2 (Acesso Pleno sem Transferência (Epstein et al. (1996) e Flynn (1996) (cit. White, 2003: 128))).

A universalidade dos percursos de aquisição de aspecto em L2 poderá estar relacionada com a existência de categorias prototípicas (Andersen & Shirai, 1996) que constituem os fundamentos da Hipótese da Primazia do Aspecto. Recordemos que, de acordo com esta proposta, há uma relação entre a aquisição da morfologia verbal do passado e as classes aspectuais do predicado, ou seja, os morfemas flexionais vão correlacionar-se com os verbos em função das suas propriedades semânticas mais prototípicas. Como tal, os marcadores perfectivos serão utilizados, numa primeira fase, com eventos télicos e o seu uso só se estenderá a outras classes aspectuais mais tarde e, por sua vez, os marcadores imperfectivos associar-se-ão, inicialmente, a eventos atélicos (estados e processos) e só posteriormente a eventos télicos.

² Apesar de esta ser uma questão importante, não pudemos investigá-la devido a limitações de tempo.

As predições que a Hipótese da Primazia do Aspecto faz relativamente à aquisição desta categoria funcional em L2 vão ao encontro das predições que apresentámos anteriormente, excepto no que diz respeito aos processos. Recordemos que integrámos os processos no conjunto de verbos associados ao valor perfectivo, quando, de acordo com a Hipótese da Primazia do Aspecto, estes estarão prototipicamente associados ao valor imperfectivo.

Posto isto, apresentemos as hipóteses do nosso estudo:

- Hipótese 1: os aprendentes exibirão maiores dificuldades na aquisição do Pretérito Perfeito com verbos estativos do que com verbos não estativos. Essas dificuldades poderão resultar:

a) da influência da L1:

- em CCV, os verbos estativos requerem a presença de adverbiais para adquirirem valor perfectivo, ao contrário do Português;
- em CCV, a ausência de morfema pré-verbal (*ta*) com verbos não estativos implica valor perfectivo tal como em Português.

b) da existência de categorias prototípicas (Hipótese da Primazia do Aspecto)

- Hipótese 2: os aprendentes exibirão maiores dificuldades na aquisição do Pretérito Imperfeito com verbos não estativos do que com verbos estativos. Essas dificuldades poderão resultar:

(a) da influência da L1:

- em CCV, a presença de morfema pré-verbal (*ta*) com verbos não estativos implica valor imperfectivo, ao contrário do Português;
- em CCV, existem diferentes morfemas para expressar os diferentes valores imperfectivos dos verbos não estativos, ao contrário do Português.

(b) da existência de categorias prototípicas (Hipótese da Primazia do Aspecto).

- Hipótese 3: Os aprendentes de nível avançado exibirão um melhor desempenho do que os aprendentes do nível de iniciação, tanto no Pretérito Perfeito como no Pretérito Imperfeito (esta hipótese será consistente quer com a Hipótese da Primazia do Aspecto, quer com a hipótese de influência da L1).

Procuraremos, então, perceber se as predições que fazemos resultam da influência da L1 na aquisição da L2 ou se, pelo contrário, podem ser explicadas no âmbito de um fenómeno universal, independente das propriedades da L1, associado à existência de categorias prototípicas (Hipótese da Primazia do Aspecto).

Esperamos conseguir esclarecer esta questão a partir da análise do comportamento dos aprendentes no que diz respeito aos processos. Ora, se os aprendentes não revelarem dificuldades na interpretação de formas morfo-fonológicas com valor perfectivo associadas a processos, as predições que avançámos poderão resultar de efeitos de transferência da L1. Os aprendentes estarão, pois, a tratar os processos como os verbos não estativos, esperando-se, portanto, maiores dificuldades na interpretação desta classe aspectual quando associada a um valor imperfectivo. Se, pelo contrário, revelarem uma maior facilidade na interpretação das formas morfo-fonológicas associadas aos processos quando estas traduzem um valor imperfectivo, o estudo poderá constituir evidência para a Hipótese da Primazia do Aspecto. Os aprendentes estarão, assim, a tratar os processos como os verbos estativos, esperando-se maiores dificuldades na interpretação desta classe aspectual quando associada a valores perfectivos.

II. 3. Metodologia

II.3.1. Sujeitos

Após a recolha dos consentimentos informados (cf. Apêndice A), participaram no estudo vinte e dois falantes nativos de Crioulo de Cabo Verde, aprendentes de Português L2 de nível de iniciação e avançado. Todos os participantes frequentam o 2º ou 3º ciclo do Ensino Básico e têm idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos. No grupo de iniciação, constituído por onze elementos, a média de idades situa-se nos 13,7 anos e o tempo de exposição à língua varia entre os 0 e os 4 anos, sendo o tempo médio de exposição de 2,2 anos. O grupo de nível avançado é constituído igualmente por onze elementos, sendo a sua média de idades de 14, 2 anos. Chamamos a atenção para o facto de os participantes que constituem este grupo terem, na sua maioria, nascido em Portugal, pelo que consideraram o Português a sua língua materna ou assumiram-se como bilingues. Ainda assim, o facto de referirem que o crioulo de Cabo Verde é, a par do Português, a língua falada com alguns familiares (nomeadamente os pais) e amigos e

o seu desempenho nos testes aplicados levaram-nos a considerá-los aprendentes de nível avançado.

Também testámos um grupo de controlo constituído por 11 falantes nativos do Português com as mesmas características: frequência do 2º ou 3º ciclo do Ensino Básico e idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos (a sua média de idades situa-se nos 13,7 anos).

Os participantes foram seleccionados, de acordo com os critérios já apresentados, em dois estabelecimentos de ensino pertencentes à Direcção Regional de Educação de Lisboa e Vale do Tejo: o Agrupamento de Escolas de Vialonga e o Agrupamento de Escolas do Vale da Amoreira. A aferição do seu nível de proficiência, no caso dos grupos de iniciação e avançado, foi feita através dos testes aplicados nas escolas para esse efeito. O instrumento de avaliação aplicado compreendia ainda um pequeno questionário de caracterização do perfil sociolinguístico dos participantes (Apêndice B).

II. 3. 2. Métodos e Procedimentos

A verificação da aquisição das propriedades morfológicas e semânticas do Pretérito Perfeito e do Pretérito Imperfeito realizou-se através de um teste de produção. A sua aplicação decorreu nos estabelecimentos de ensino seleccionados para a recolha da amostra e foi conduzida pelos professores de Língua Portuguesa ou de Português Língua não Materna, em contexto de sala de aula ou de apoio educativo, após uma explicitação da natureza e objectivos da tarefa por parte do investigador.

II.3.2.1 Materiais

Como foi já referido, para verificar a aquisição das propriedades morfológicas e semânticas do Pretérito Perfeito e do Pretérito Imperfeito procedeu-se à criação de um teste, que condicionava os participantes no sentido da produção das formas em estudo (cf. Apêndice B). Os participantes foram, assim, confrontados com um excerto adaptado de *O Cavaleiro da Dinamarca*, de Sophia de Mello Breyner, com lacunas. A instrução apresentada foi a seguinte: “*Lê atentamente a seguinte história. Preenche os espaços, conjugando o verbo entre parênteses no tempo que considerares mais adequado.*” Os

espaços em branco deveriam, então, ser preenchidos com uma forma verbal no Pretérito Perfeito ou Imperfeito, de acordo com o contexto:

Um dia, Orso _____ (prometer) a jovem em casamento a Arrigo, um velho, seu parente. Há anos que Orso _____ (sonhar) repetidamente com esse acontecimento. Mas aos 18 anos, Vanina _____ (recusar) casar com Arrigo (6). Então, Orso _____ (proibir) imediatamente a jovem de sair do palácio sozinha.

É de referir que não havia nenhuma indicação específica para a utilização desses tempos verbais, embora o contexto exigisse a utilização inequívoca de um ou do outro tempo verbal.

Foram seleccionados 24 verbos no Pretérito Perfeito distribuídos equitativamente pelas quatro classes aspectuais (seis culminações, seis processos culminados, seis processos e seis estados). Em cada classe aspectual, três formas verbais são acompanhadas de adverbiais.

Foram igualmente seleccionados 24 verbos no Pretérito Imperfeito, distribuídos equitativamente pelas quatro classes aspectuais (seis culminações, seis processos culminados, seis processos e seis estados).

II. 3.2.2. Tratamento de dados

Na fase de tratamento dos dados foram consideradas correctas as formas verbais em que era possível identificar inequivocamente as marcas morfológicas características do tempo verbal adequado ao contexto, independentemente de incorrecções ortográficas, de concordância e na colocação dos pronomes clíticos e da utilização de outros verbos que, não sendo os indicados, evidenciavam muitas semelhanças gráficas e fonéticas com os mesmos. Paralelamente, não foram aceites formas que suscitavam dúvidas, como “morarão”, já que não podíamos afirmar com certeza se se tratava de uma violação da ortografia da forma no Pretérito Perfeito ou se, efectivamente, estávamos na presença de uma forma no Futuro.

A análise estatística foi realizada com recurso ao programa de tratamento de dados SPSS.

II.4. Apresentação de Resultados

No sentido de verificar se os grupos de participantes em estudo tinham desempenhos diferentes, procedeu-se a uma comparação inter-grupos.

Tratando-se de uma amostra inferior a 50 participantes, foi aplicado o teste de normalidade Shapiro-Wilk. De acordo com este teste, apenas o desempenho do grupo de controlo no Pretérito Perfeito não segue uma distribuição normal³ ($valor_p = 0,03 < 0,05$, Tabela 1, Apêndice C). Contudo, tendo em conta que o teste Kolmogorov-Smirnov ($valor_p > 0,05$, Tabela 1, Apêndice C) indica que todos os grupos seguem uma distribuição normal e que o valor do teste Shapiro-Wilk está próximo do valor de referência (0,05), assumiremos a normalidade da distribuição. Subsequentemente, foi aplicado o teste estatístico 1-way ANOVA que revelou que, tanto para o Pretérito Perfeito, como para o Pretérito Imperfeito, havia pelo menos um grupo que diferia de forma estatisticamente significativa dos restantes ($valor_p = 0,000 < 0,05$, cf. Tabelas 3 e 6, Apêndice C). Procedeu-se, então, a uma comparação dos grupos dois a dois (cf. Tabelas 4 e 7, Apêndice C).

No Pretérito Perfeito, os resultados obtidos indicam que há diferenças estatisticamente significativas entre o desempenho dos participantes do grupo de iniciação e dos participantes dos grupos avançado (cf. $valor_p = 0,002 < 0,05$, Tabela 4, Apêndice C) e de controlo (cf. $valor_p = 0,000 < 0,05$, Tabela 4, Apêndice C), sendo que a média de respostas nestes dois grupos é mais elevada do que no primeiro (cf. Tabela 2, Apêndice C). Já a comparação entre o desempenho dos participantes dos grupos avançado e de controlo revela que não há diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos ($valor_p = 0,619 > 0,05$, cf. Tabela 4, Apêndice C).

No Pretérito Imperfeito os resultados são muito semelhantes. Assim sendo, há diferenças estatisticamente significativas entre o desempenho dos participantes do grupo de iniciação e o dos participantes dos grupos avançado (cf. $valor_p = 0,001 < 0,05$, Tabela 7, Apêndice C) e de controlo (cf. $valor_p = 0,000 < 0,05$, Tabela 7, Apêndice C), sendo que a média de respostas nestes dois grupos é mais elevada do que no primeiro (cf. Tabela 5, Apêndice C). A comparação entre o desempenho dos

³ Temos consciência de que o facto de o grupo de controlo não seguir uma distribuição normal exigia a aplicação de testes a mais participantes. Tal não foi possível, devido a restrições de tempo.

participantes do grupo avançado e de controlo revela que não há diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos ($valor_p = 0,054 > 0,05$, cf. Tabela 7, Apêndice C). Contudo, o $valor_p$ apresentado está muito próximo do valor de referência (0,05). De facto, analisando a Tabela 5 (Apêndice C), verificamos que há uma discrepância entre o número mínimo de respostas correctas dadas pelo grupo avançado e o grupo de controlo.

Comparando a diferença no desempenho dos participantes de cada grupo no que diz respeito à utilização da morfologia aspectual adequada, concluímos, após a verificação da normalidade da distribuição das amostras (cf. Shapiro-Wilk $valor_p = 0 > 0,05$, Tabela 8, Apêndice 3), que, apesar de nos grupos de iniciação e avançado a média de respostas correctas no Pretérito Perfeito (Iniciação: 14, 82 / Avançado: 19,91, cf. Tabela 9, Apêndice C) ser superior à média de respostas correctas no Pretérito Imperfeito (Iniciação: 12,36 / Avançado: 18,45, cf. Tabela 9, Apêndice C), essa diferença não é estatisticamente significativa ($valor_p$ 0,161 e 0,239 $> 0,05$, cf. Tabela 10, Apêndice C). Contrariamente aos grupos referidos, o grupo de controlo revelou maior sucesso no Pretérito Imperfeito (média de respostas correctas: 22,18, cf. Tabela 9, Apêndice C) do que no Pretérito Perfeito (média de respostas 21,18, cf. Tabela 9, Apêndice C), mas uma vez mais essa diferença não é estatisticamente significativa ($valor_p = 0,184 > 0,05$, cf. Tabela 10, Apêndice C).

Visto que, de acordo com as hipóteses apresentadas, seria importante relacionar a utilização da morfologia aspectual e o aspecto lexical dos verbos, procedemos a uma nova comparação intra-grupos em que explorámos a diferença entre o desempenho dos participantes no Pretérito Perfeito e no Pretérito Imperfeito de acordo com a distinção verbos estativos e não estativos.

Verificada a normalidade da distribuição (cf. Shapiro-Wilk $valor_p > 0,05$, Tabelas 11, 15 e 19, Apêndice C) foi aplicado, para cada grupo, um teste t para amostras emparelhadas.

Assim sendo, os resultados do grupo de iniciação foram os seguintes:

- a) Pretérito Perfeito: A média de respostas correctas no Pretérito Perfeito com verbos não estativos ($\mu=4$, cf. Tabela 12, Apêndice C) é superior à média de respostas correctas com verbos estativos ($\mu=2,81$, cf. Tabela 12, Apêndice C).

De acordo com o teste t para amostras emparelhadas essa diferença é estatisticamente significativa ($valor_p = 0,004 < 0,05$, cf. Tabela 13, Apêndice C).

- b) Pretérito Imperfeito: A média de respostas correctas no Pretérito Imperfeito com verbos não estativos ($\mu=3,15$ cf. Tabela 12, Apêndice C) é superior à média de respostas correctas com verbos estativos ($\mu=2,90$ cf. Tabela 12, Apêndice C). De acordo com o teste t para amostras emparelhadas essa diferença não é estatisticamente significativa ($valor_p = 0,301 > 0,05$, cf. Tabela 14, Apêndice C).

Os resultados do grupo avançado foram os seguintes:

- a) Pretérito Perfeito: A média de respostas correctas no Pretérito Perfeito com verbos não estativos ($\mu=5,30$ cf. Tabela 16, Apêndice C) é superior à média de respostas correctas com verbos estativos ($\mu=4$, cf. Tabela 16, Apêndice C). De acordo com o teste t para amostras emparelhadas essa diferença é estatisticamente significativa ($valor_p = 0,0015 < 0,05$, cf. Tabela 17, Apêndice C).
- b) Pretérito Imperfeito: A média de respostas correctas no Pretérito Imperfeito com verbos não estativos ($\mu=4,54$ cf. Tabela 16, Apêndice C) é inferior à média de respostas correctas com verbos estativos ($\mu=4,81$, cf. Tabela 16, Apêndice C). De acordo com o teste t para amostras emparelhadas a diferença não é estatisticamente significativa ($valor_p = 0,079 > 0,05$, cf. Tabela 18, Apêndice C).

No grupo de controlo, os resultados reflectem os anteriormente apresentados:

- a) Pretérito Perfeito: A média de respostas correctas no Pretérito Perfeito com verbos não estativos ($\mu=5,45$ cf. Tabela 20, Apêndice C) é superior à média de respostas correctas com verbos estativos ($\mu=4,81$, cf. Tabela 20, Apêndice C). De acordo com o teste t para amostras emparelhadas essa diferença é estatisticamente significativa ($valor_p = 0,0265 < 0,05$ cf. Tabela 21, Apêndice C).

- b) Pretérito Imperfeito: A média de respostas correctas no Pretérito Imperfeito com verbos não estativos ($\mu=5,48$, cf. Tabela 20, Apêndice C) é inferior à média de respostas correctas com verbos estativos ($\mu=5,72$, cf. Tabela 20, Apêndice C). De acordo com o teste t para amostras emparelhadas essa diferença não é estatisticamente significativa ($valor_p = 0,1285 > 0,05$ (cf. Tabela 22, Apêndice C)).

No sentido de testar a Hipótese da Primazia do Aspecto, procedemos ainda a uma comparação intra-grupos em que explorámos a diferença entre o desempenho dos participantes no Pretérito Perfeito e no Pretérito Imperfeito para cada classe aspectual (culminações, processos culminados, processos e estados).

Assim sendo, verificada a normalidade da distribuição (Shapiro_Wilk $valor_p > 0,05$, cf. Tabela 23, Apêndice C), no grupo de iniciação, os resultados obtidos para cada classe aspectual foram os seguintes:

- a) Culminações: A média de respostas correctas relativas às culminações no Pretérito Perfeito ($\mu=4,9091$ cf. Tabela 24, Apêndice C) é superior à média de respostas correctas relativas às culminações no Pretérito Imperfeito ($\mu=2,8182$, cf. Tabela 25, Apêndice C). De acordo com o teste t para amostras emparelhadas, existe uma diferença estatisticamente significativa ($valor_p = 0,0025 < 0,05$, cf. Tabela 26, Apêndice C) entre o desempenho dos indivíduos no Pretérito Perfeito e no Pretérito Imperfeito, no que diz respeito a esta classe aspectual.
- b) Processos culminados: A média de respostas correctas relativas aos processos culminados no Pretérito Perfeito ($\mu=3,36$ cf. Tabela 24, Apêndice C) é superior à média de respostas correctas relativas aos processos culminados no Pretérito Imperfeito ($\mu=3,09$ cf. Tabela 25, Apêndice C). Contudo, de acordo com o teste t de amostras emparelhadas, não existe uma diferença estatisticamente significativa ($valor_p = 0,3175 > 0,05$, cf. Tabela 26, Apêndice C) entre o desempenho dos indivíduos no Pretérito Perfeito e no Pretérito Imperfeito, no que diz respeito a esta classe aspectual.

- c) Processos: A média de respostas correctas relativas aos processos no Pretérito Perfeito ($\mu=3,72$ cf. Tabela 24, Apêndice C) é superior à média de respostas correctas relativas aos processos no Pretérito Imperfeito ($\mu=3,54$, cf. Tabela 25, Apêndice C). Contudo, de acordo com o teste t de amostras emparelhadas ($\text{valor}_p = 0,4065 > 0,05$, cf. Tabela 26, Apêndice C), não existe uma diferença estatisticamente significativa entre o desempenho dos indivíduos no Pretérito Perfeito e no Pretérito Imperfeito, no que diz respeito a esta classe aspectual.
- d) Estados: A média de respostas correctas relativas aos estados no Pretérito Perfeito ($\mu=2,81$, cf. Tabela 24, Apêndice C) é inferior à média de respostas correctas relativas aos estados no Pretérito Imperfeito ($\mu=2,90$, cf. Tabela 25, Apêndice C). Contudo, de acordo com o teste t de amostras emparelhadas ($\text{valor}_p = 0,4195 > 0,05$, cf. Tabela 26, Apêndice C) não existe uma diferença estatisticamente significativa entre o desempenho dos indivíduos no Pretérito Perfeito e no Pretérito Imperfeito, no que diz respeito a esta classe aspectual.

Verificada a normalidade da distribuição ($\text{valor}_p = 0,05$, cf. Tabela 27, Apêndice C), os resultados obtidos no grupo avançado foram os seguintes:

- a) Culminações: A média de respostas correctas relativas às culminações no Pretérito Perfeito (5,81, cf. Tabela 28, Apêndice C) é superior à média de respostas correctas relativas às culminações no Pretérito Imperfeito (4,27, cf. Tabela 29, Apêndice C). De acordo com o teste t para amostras emparelhadas, existe uma diferença estatisticamente significativa ($\text{valor}_p = 0,0005 < 0,05$, cf. Tabela 30, Apêndice C) entre o desempenho dos indivíduos no Pretérito Perfeito e no Pretérito Imperfeito, no que diz respeito a esta classe aspectual.
- b) Processos culminados: A média de respostas correctas relativas aos processos culminados no Pretérito Perfeito ($\mu=5,09$, cf. Tabela 28, Apêndice C) é superior à média de respostas correctas relativas aos processos culminados no Pretérito Imperfeito ($\mu=4,18$, cf. Tabela 29, Apêndice C). Contudo, de acordo com o teste t para amostras emparelhadas, não existe uma diferença estatisticamente significativa ($\text{valor}_p = 0,0835 > 0,05$, cf.

Tabela 30, Apêndice C) entre o desempenho dos indivíduos no Pretérito Perfeito e no Pretérito Imperfeito, no que diz respeito a esta classe aspectual.

- c) Processos: A média de respostas correctas relativas aos processos no Pretérito Perfeito ($\mu=5$, cf. Tabela 28, Apêndice C) é inferior à média de respostas correctas relativas aos processos no Pretérito Imperfeito ($\mu=5,18$ cf. Tabela 29, Apêndice C). Contudo, de acordo com o teste *t* para amostras emparelhadas, não existe uma diferença estatisticamente significativa ($\text{valor}_p=0,345 > 0,05$, cf. Tabela 30, Apêndice C) entre o desempenho dos indivíduos no Pretérito Perfeito e no Pretérito Imperfeito, no que diz respeito a esta classe aspectual.
- d) Estados: A média de respostas correctas relativas aos estados no Pretérito Perfeito ($\mu=4$, cf. Tabela 28, Apêndice C) é inferior à média de respostas correctas relativas aos estados no Pretérito Imperfeito ($\mu=4,8$, cf. Tabela 29, Apêndice C). De acordo com o teste *t* para amostras emparelhadas, existe uma diferença estatisticamente significativa ($\text{valor}_p=0,0475 < 0,05$, cf. Tabela 30, Apêndice C) entre o desempenho dos indivíduos no Pretérito Perfeito e no Pretérito Imperfeito, no que diz respeito a esta classe aspectual.

No grupo de controlo, algumas das amostras não seguem uma distribuição normal, pelo que, em alguns casos, foi aplicado um teste não paramétrico (cf. Tabela 31, Apêndice C). Os resultados obtidos foram os seguintes:

- a) Culminações: A média de respostas correctas relativas às culminações no Pretérito Perfeito ($\mu=5,27$, cf. Tabela 32, Apêndice C) é inferior à média de respostas correctas relativas às culminações no Pretérito Imperfeito ($\mu=5,45$, cf. Tabela 33, Apêndice C). Contudo, de acordo com o teste *Wilcoxon* para amostras emparelhadas, não existe uma diferença estatisticamente significativa ($\text{valor}_p=0,24 > 0,05$, cf. Tabela 34, Apêndice C) entre o desempenho dos indivíduos no Pretérito Perfeito e no Pretérito Imperfeito, no que diz respeito a esta classe aspectual.
- b) Processos culminados: A média de respostas correctas relativas aos processos culminados no Pretérito Perfeito ($\mu=5,81$, cf. Tabela 32, Apêndice C) é superior à média de respostas correctas relativas aos processos

culminados no Pretérito Imperfeito ($\mu=5,36$ cf. Tabela 33, Apêndice C). Contudo, de acordo com o teste Wilcoxon para amostras emparelhadas, não existe uma diferença estatisticamente significativa ($valor_p = 0,129 > 0,05$, Tabela 34, Apêndice C) entre o desempenho dos indivíduos no Pretérito Perfeito e no Pretérito Imperfeito, no que diz respeito a esta classe aspectual.

- c) **Processos:** A média de respostas correctas relativas aos processos no Pretérito Perfeito ($\mu=5,27$, cf. Tabela 32, Apêndice C) é inferior à média de respostas correctas relativas aos processos no Pretérito Imperfeito ($\mu=5,36$, cf. Tabela 33, Apêndice C). Contudo, de acordo com o teste t para amostras emparelhadas, não existe uma diferença estatisticamente significativa ($valor_p = 0,1335 > 0,05$ cf. Tabela 35, Apêndice C) entre o desempenho dos indivíduos no Pretérito Perfeito e no Pretérito Imperfeito, no que diz respeito a esta classe aspectual.
- d) **Estados:** A média de respostas correctas relativas aos estados no Pretérito Perfeito ($\mu=4,81$, cf. Tabela 32, Apêndice C) é inferior à média de respostas correctas relativas aos estados no Pretérito Imperfeito ($\mu=5,72$ cf. Tabela 33, Apêndice C). De acordo com o teste Wilcoxon para amostras emparelhadas, existe uma diferença estatisticamente significativa ($valor_p= 0,002 < 0,05$, cf. Tabela 34, Apêndice C) entre o desempenho dos indivíduos no Pretérito Perfeito e no Pretérito Imperfeito, no que diz respeito a esta classe aspectual.

Finalmente, no sentido de verificar a influência da L1 na aquisição do Pretérito Perfeito quando associado a verbos estativos, comparámos o desempenho dos participantes nesta condição relativamente à presença ou ausência de expressões adverbiais.

Tendo sido verificada a normalidade da distribuição no grupo de iniciação ($valor_p = 0,620 > 0,005$, cf. Shapiro-Wilk, Tabela 36, Apêndice C), aplicou-se o teste t para amostras emparelhadas.

Assim sendo, nesse grupo, a média de respostas correctas relativa à utilização do Pretérito Perfeito com verbos estativos na presença ou ausência de adverbiais é muito similar: $\mu=1,35$ e $\mu=1,45$ respectivamente (cf. Tabela 37, Apêndice C). Consequentemente, de acordo o teste t para amostras emparelhadas, não há evidência

estatisticamente significativa da influência da presença ou ausência de adverbiais no desempenho dos participantes ($valor_p = 0,398 > 0,05$, cf. Tabela 38, Apêndice C) .

No caso do grupo avançado, não se verificaram condições de normalidade ($valor_p = 0,006 < 0,005$, cf. Shapiro-Wilk, Tabela 39, Apêndice C), pelo que se recorreu ao teste Wilcoxon.

Neste grupo, a média de respostas correctas relativa à utilização do Pretérito Perfeito com verbos estativos na presença ou ausência de adverbiais é diferente: $\mu=1,81$ e $\mu=2,18$ respectivamente (cf. Tabela 40, Apêndice C). Verifica-se, tal como anteriormente, um maior sucesso na utilização da morfologia do Pretérito Perfeito com verbos estativos na ausência de adverbiais. Contudo, neste caso, de acordo com o teste Wilcoxon, a diferença relativamente ao sucesso na utilização da morfologia do Pretérito Perfeito com verbos estativos na presença de adverbiais é estatisticamente significativa ($valor_p = 0,051 = 0,05$, cf. Tabela 41, Apêndice C).

Finalmente, no grupo de controlo, também não foram verificadas as condições de normalidade (cf. Shapiro-Wilk $valor_p < 0,05$, Tabela 42, Apêndice C), pelo que foi necessário recorrer ao teste Wilcoxon.

Neste grupo, a média de respostas correctas relativa à utilização do Pretérito Perfeito com verbos estativos na presença ou ausência de adverbiais é semelhante: $\mu=2,45$ e $\mu=2,36$ respectivamente (cf. Tabela 43, Apêndice C). De acordo com o teste de Wilcoxon aplicado, essa diferença de resultados não é estatisticamente significativa ($valor_p = 0,3695 > 0,05$, Tabela 44, Apêndice C).

II.5. Discussão de Resultados

Os resultados obtidos neste estudo indicam, em primeiro lugar, que o desempenho do grupo de iniciação difere de forma estatisticamente significativa do desempenho dos restantes grupos (avançado e controlo). Concluimos, assim, que os aprendentes de Português de nível de iniciação revelam dificuldades na utilização da morfologia aspectual do Pretérito Perfeito e do Pretérito Imperfeito. Já o desempenho do grupo de nível avançado não difere de forma estatisticamente significativa do desempenho do grupo de controlo, tanto no Pretérito Perfeito como no Pretérito

Imperfeito. Confirma-se, assim, a hipótese 3, segundo a qual as dificuldades dos aprendentes têm tendência a diminuir à medida que o nível de proficiência aumenta. No entanto, no caso do Pretérito Imperfeito, o facto de o número mínimo de respostas correctas dadas pelo grupo de nível avançado e o grupo de controlo registar uma maior amplitude do que no Pretérito Perfeito pode indiciar maiores dificuldades na aquisição das suas propriedades formais e semânticas.

Verificámos na secção anterior que, tanto no grupo de iniciação como no grupo de nível avançado, a diferença entre o desempenho dos participantes com o Pretérito Perfeito e com o Pretérito Imperfeito não é significativa. Contudo, em ambos os grupos o número médio de respostas no Pretérito Perfeito é superior ao número médio de respostas no Pretérito Imperfeito, o que pode indiciar que a aquisição da primeira forma aspectual parece estar mais consolidada do que a aquisição da segunda, como prevê a Hipótese da Primazia do Aspecto (Andersen & Shirai, 1996). De acordo com Slabakova & Montrul (2002), a maior parte dos estudos sobre a aquisição de tempo e aspecto em Espanhol L2 (Hasbún, 1995; Lafford, 1996; Liskin-Gasparro, 1997; Ramsay, 1990; Salaberry, 1997, 1999, cit. Slabakova & Montrul, 2002) indica que o Pretérito Perfeito é adquirido primeiro que o Pretérito Imperfeito. Salaberry (1999) justifica esta situação com o facto de o Pretérito Perfeito poder estar a ser utilizado como marcador de passado por defeito. No grupo de iniciação poderá, pois, ser essa a justificação para o maior sucesso na utilização do Pretérito Perfeito.

Apresentemos agora as conclusões que decorrem da comparação do desempenho dos participantes de cada grupo no Pretérito Perfeito e no Pretérito Imperfeito, de acordo com a distinção verbos estativos / não estativos.

Assim sendo, tanto no grupo de iniciação, como no grupo de nível avançado, os aprendentes revelaram maiores dificuldades na utilização da morfologia do Pretérito Perfeito quando associada a verbos estativos, o que está de acordo com a Hipótese 1 do nosso estudo.

Pelo contrário, no caso do Pretérito Imperfeito, apesar de o número médio de respostas correctas com verbos estativos ser superior ao número médio de respostas correctas com verbos não estativos, como previa a Hipótese 2, não poderemos considerar que a mesma se confirma, já que não há evidência estatisticamente significativa que o comprove.

Aquando da formulação das hipóteses avançámos duas explicações para cada uma delas: influência da L1 ou existência de categorias prototípicas (como prevê a Hipótese da Primazia do Aspecto).

No caso da Hipótese 1, analisando o desempenho dos participantes no Pretérito Perfeito com verbos estativos, concluímos que não podemos relacioná-lo com a presença de adverbiais (recordemos que, em CCV, os verbos estativos requerem a presença de adverbiais para adquirirem valor perfectivo, ao contrário do Português). No caso do grupo de iniciação, não há evidência estatisticamente significativa que sustente essa hipótese. Por sua vez, no caso do grupo de nível avançado, registou-se até um maior sucesso (estatisticamente significativo) na utilização do Pretérito Perfeito com verbos estativos na ausência de adverbiais, o que contraria totalmente a explicação avançada para sustentar a Hipótese 1: a influência da L1.

Discutamos então as diferenças entre o desempenho dos participantes de cada grupo no Pretérito Perfeito e no Pretérito Imperfeito para cada classe aspectual (culminações, processos culminados, processos e estados), de modo a podermos extrair conclusões sobre a segunda explicação avançada para justificar as hipóteses formuladas: existência de categorias prototípicas (Hipótese da Primazia do Aspecto).

Nos grupos de iniciação e avançado, temos evidência estatisticamente significativa para afirmar que o comportamento dos participantes no que diz respeito às culminações (maior sucesso no Pretérito Perfeito) está de acordo com uma das predições do Hipótese da Primazia do Aspecto, segundo a qual os marcadores perfectivos serão utilizados, numa primeira fase, com eventos télicos. Já nos processos culminados, apesar de se registar um maior sucesso quando associados à morfologia perfectiva, em ambos os grupos, como prediz a Hipótese da Primazia do Aspecto, não podemos confirmar esta hipótese.

No caso dos processos, o comportamento dos grupos de iniciação e avançado difere. No grupo de iniciação, registámos um maior sucesso quando esta classe surge associada à morfologia perfectiva, o que contraria a Hipótese da Primazia do Aspecto. Já o grupo de nível avançado revelou um melhor desempenho no Pretérito Imperfeito como prediz a Hipótese da Primazia do Aspecto. Contudo, não temos evidência estatisticamente significativa que sustente qualquer uma das situações.

Finalmente, no caso dos estados, registámos, em ambos os grupos, um maior sucesso quando associados à morfologia imperfectiva, o que está de acordo com

Hipótese da Primazia do Aspecto. Contudo, no caso do grupo de iniciação, não temos evidência estatisticamente significativa que sustente esta situação, ao contrário do que sucede com o grupo de nível avançado. Também no grupo de controlo há diferenças significativas no desempenho dos participantes com verbos estativos quando associados ao Pretérito Perfeito e Imperfeito, sendo que se regista um maior sucesso quando a essa classe se associa morfologia imperfectiva. Em nenhuma das outras classes aspectuais se registam diferenças significativas.

Em suma, o comportamento dos aprendentes do grupo de iniciação está de acordo com as predições da Hipótese da Primazia do Aspecto, excepto no que diz respeito aos processos. Contudo, de acordo com a análise estatística realizada, só no caso das culminações se confirma a relação entre os pressupostos da hipótese e o desempenho dos aprendentes. No grupo de nível avançado, o comportamento dos aprendentes em todas as classes aspectuais corrobora as predições da Hipótese da Primazia do Aspecto, mas, de acordo com a análise estatística realizada, apenas no caso das culminações e dos estados podemos confirmar essa relação. O facto de não existirem diferenças significativas entre o uso Pretérito Perfeito e Imperfeito com os processos culminados e processos pode indiciar que os aprendentes deste grupo já terão adquirido usos não prototípicos dessas classes, encontrando-se no estágio (vi) da aquisição dos marcadores de aspecto gramatical – os processos surgem associados à morfologia do perfeito ou do imperfeito – definidos por Andersen (1991).

CONCLUSÃO

Realizámos este estudo com o objectivo genérico de investigar se os falantes nativos de Crioulo de Cabo Verde seriam capazes de adquirir as propriedades morfológicas e semânticas do Pretérito Perfeito e do Pretérito Imperfeito do Português, ou seja, se seriam capazes de associar a valores semânticos que já dominavam (perfectivo e imperfectivo) novas formas morfo-fonológicas.

Os resultados obtidos confirmam a Hipótese 1 – os aprendentes exibirão maiores dificuldades na aquisição do Pretérito Perfeito com verbos estativos do que com verbos não estativos. No que diz respeito à Hipótese 2 – os aprendentes exibirão maiores dificuldades na aquisição do Pretérito Imperfeito com verbos não estativos do que com

verbos estativos –, apesar de os resultados obtidos reflectirem essas expectativas, não temos evidência estatisticamente significativa que nos permita afirmar que a mesma se confirma.

A influência da L1 neste processo de aquisição é difícil de provar. Por um lado, verificámos que, no caso dos verbos estativos no Pretérito Perfeito, a ausência de adverbiais com valor perfectivo não condicionou negativamente o desempenho dos participantes. Por outro, o comportamento dos aprendentes dos grupos de iniciação e avançado relativamente aos processos não constitui evidência nem a favor nem contra a influência da L1 neste processo. Para poder extrair conclusões inequívocas a este respeito, seria, pois, necessário comparar o desempenho destes participantes com o de outros com diferentes L1.

Quando procurámos perceber se o desempenho dos participantes podia ser justificado através da Hipótese da Primazia do Aspecto, verificámos que a relação entre o aspecto lexical e a escolha da morfologia adequada é mais evidente no caso do grupo de nível avançado do que no grupo de nível de iniciação. Contudo, apesar de o desempenho do grupo de nível avançado ser coincidente com essa hipótese, não temos evidência estatisticamente significativa que a confirme em todas as classes aspectuais.

O desempenho deste grupo (que se distingue de forma significativa do desempenho do grupo de iniciação, mas não difere de forma significativa do grupo de controlo) indica, ainda, que os aprendentes conseguem associar a valores semânticos que já conhecem novas formas morfo-fonológicas. Tendo em conta que, no teste aplicado, a selecção da morfologia aspectual adequada era determinada por um contexto inequívoco, o sucesso revelado pelos aprendentes de nível avançado indicia que, além de conhecerem as formas morfo-fonológicas do Pretérito Perfeito e Imperfeito, compreendem e distinguem os valores semânticos que lhes estão associados. Esta indissociabilidade entre o domínio das formas e a compreensão do seu sentido, leva-nos a concluir que poderemos responder afirmativamente à primeira questão orientadora deste estudo: *Será que a aquisição da morfologia do Pretérito Perfeito e Imperfeito pressupõe necessariamente o conhecimento dos valores semânticos associados a essas formas e vice-versa?*

Este sucesso na associação de novas formas morfo-fonológicas a propriedades semânticas já conhecidas constitui evidência a favor de (alguma) aquisição dos traços

aspectuais relevantes em Português L2. Recordemos que o CCV e o Português diferem na forma como os traços se associam entre si (e nas suas realizações morfofonológicas) e na interacção com a classe aspectual do verbo. O facto de os aprendentes usarem os morfemas de Pretérito Perfeito e Imperfeito independentemente da distinção estativo/não estativo (fundamental em CCV) pode indiciar que há aquisição de opções disponibilizadas pela GU e realizadas no Português, que não estão presentes na L1 dos aprendentes. Estes resultados constituem, assim, evidência a favor da moldura teórica que adoptámos e segundo a qual é possível fixar os valores dos parâmetros de acordo com as propriedades da L2: acesso pleno à GU.

Apesar de termos evidência de que houve aquisição de traços aspectuais relevantes em Português L2, não conseguimos esclarecer de forma inequívoca o papel da L1 do aprendente neste processo, pelo que não poderemos responder de forma conclusiva à segunda questão de investigação formulada: *Será que a aquisição de aspecto em L2 é influenciada pela L1 dos aprendentes ou é determinada por factores de índole universal?* Com efeito, não podemos afirmar claramente que a gramática da L1 é o estágio inicial da gramática de interlíngua (embora a progressão verificada entre os grupos de nível de iniciação e avançado, que confirma a Hipótese 3, pudesse apontar nesse sentido) – acesso pleno com transferência - ou se, pelo contrário, não está de todo implicada na construção dessa gramática – acesso pleno sem transferência.

Acreditamos que os resultados do estudo seriam mais fiáveis se a amostra fosse maior. Tal não foi possível devido a dificuldades no acesso a participantes que respeitassem todos os critérios de inclusão e que estivessem disponíveis para participar no estudo. Recomenda-se, por isso, a replicação deste estudo com uma amostra maior e com aprendentes com diferentes L1.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andersen, R. (1991). Developmental Sequencies: The emergency of aspect marking in second language acquisition. In Huebner, T. and Ferguson, C. (orgs.), *Crosscurrents in Second Language Acquisition and Linguistic Theories*. Amsterdão: John Benjamins, 305-324.

Andersen, R. & Shirai, Y. (1994). Discourse motivations for some cognitive acquisition principles. *Studies in Second Language Acquisition*, 16, (2), 133-156.

Andersen, R. & Shirai, Y. (1996). The primacy of aspect in first and second language acquisition: the pidgin-creole connection. In Ritchie, W. C. & Bhatia, T. K. (orgs.), *Handbook of Second Language Acquisition*. Londres: Academic Press, 527-570.

Ayoun, D. & Salaberry, R. (2005). Towards a comprehensive model of the acquisition of L2 tense-aspect in the romance languages. *Theoretical and applied perspectives*. Filadélfia: John Benjamin Publishing Company.

Batista, M. (2002). *The syntax of Cape Verdean Creole: the Sotavento varieties*. Filadélfia: John Benjamins Publishing Company.

Bley-Vroman, R. (1989). The logical problem of second language learning. In Gass, S & Schachter, J. (orgs.). *Linguistic perspectives on second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 41-68.

Campos, M. H. & Xavier, M. F. (1991), *Sintaxe e semântica do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.

Campos, M. H. (2002). Questões aspectuais: algumas especificidades do português. In Grosse, S. & Schomberger, A. (orgs.). *Ex oriente lux: Festschrift für Eberhard Gärtner zu seinem*. Frankfurt am Main: Valentia, 73-88.

Chomsky, N. (1981). Principles and Parameters in Syntactic Theory. In Hornstein, N. & Lightfoot, D. (orgs.), *Explanations in linguistics: the logical problem of language acquisition*. London: Longman, 32-75.

Chomsky, N. (1986). *Knowledge of language*, Westport: Praeger Publishers.

Chomsky, N. (1995a). *The Minimalist Program*. Cambridge: The MIT Press.

Chomsky, N. (1995b). Bare phrase structure. In Webelhuth, G. (org.). *Government and binding theory and the minimalist program – Principles and parameters in syntactic theory*. Oxford: Blackwell Publishers, 383-439.

Clahsen, H. & Hong, U. (1995). Agreement and null subjects in German L2 development: new evidence from reaction-time experiments. *Second Language Research* 11, (1), 57-87.

Comrie, B. (1976). *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press.

Epstein, S., Flynn, S. & Martohardjono, G. (1996). Second language acquisition: theoretical and experimental issues in contemporary research. *Behavioural and Brain Sciences*, 19 (4), 677-758.

Eubank, L. (1996). Negation in early German-English interlanguage: more valueless features in the L2 initial state. *Second Language Research*, 12, (1), 73-106.

Gabriele, A. & Martohardjono, G. (2005). Investigating the role of transfer in the L2 acquisition of aspect. In Dekydtspotter, L. et al. (orgs). *Proceedings of the 7th generative approaches to second language acquisition conference (GASLA 2004)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 96-110.

Gabriele, A. et al. (2005). Evaluating the role of the L1 in the L2 acquisition of aspect: a study of Japanese learners of English. In Cohen, J. et al.. *Proceedings of the 4th International Symposium on Bilingualism*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 808-826.

Hawkins & Chan (1997). “The partial availability of Universal Grammar in second language acquisition: the ‘failed functional features hypothesis’”, *Second Language Research* 13, (3), 187–226.

Hawkins R. & Hattori, H. (2006). Interpretation of English multiple wh-questions by Japanese speakers: a missing uninterpretable feature account. *Second Language Research*, 22(3), 269–301.

- MacWhinney, B. (2002). The competition model: the input, the context, and the brain. In Robinson, P. (org.). *Cognition and second language instruction*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 69-90.
- Martins, C. (2008). Variáveis aquisicionais do Português como L2: a aquisição do contraste pretérito perfeito / pretérito imperfeito. Comunicação apresentada no 1º Simpósio Mundial de Estudos em Língua Portuguesa, São Paulo, Brasil.
- Montrul, S. & Slabakova, R. (2002). The L2 acquisition of morphosyntactic and semantic properties of the aspectual tenses preterite and imperfect. In Pérez-Leroux, A. T. & Licerias, J. M. (orgs.). *The acquisition of Spanish morphosyntax*. Boston: Kluwer Academic Publishers, 115-151.
- Neeleman, A. & Weerman, Fred (1997). L1 and L2 word order acquisition. *Language Acquisition* 6 (2), 125-170.
- Oliveira, F. (2003). Tempo e aspecto. In Mateus et. al (org..). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 127-178.
- Osório, P. & Fradique, F. (2008). O uso do pretérito perfeito e imperfeito por aprendentes de português língua segunda”, *Linguanet* 1, consultado a partir de: http://www.ucp.pt/site/resources/documents/FCH/Linguanet/O%20Uso%20do%20pretérito_Paulo%20Osório.pdf em 9 de Fevereiro de 2010.
- Pratas, F. (2007) *Tense features and argument structure in Capeverdean predicates*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Raposo, E. P. (1992). *Teoria da gramática, a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho.
- Salaberry, R. (1998). Compositionality in tense-aspectual morphology. *Hispanic Linguistics*, 10 (2), 1-38.
- Salaberry, R. (1999). The development of the past verbal tense morphology in classroom L2 Spanish. *Applied Language*, 20 (2), 151-178.

Salaberry, R. (2000). The development of aspect in L2. In Salaberry, R. (org.). *The Development of Past Tense Morphology in L2 Spanish*. Amesterdão: John Benjamins Publishing Company, 53-106.

Salaberry, R. (2002). Tense and aspect in the selection of Spanish past tense verbal morphology. In Salaberry, R. & Shirai, Y. (orgs.). *The L2 acquisition of tense-aspect morphology*. Amesterdão: John Benjamins Publishing Company, 397-415.

Salaberry, R. & Ayoun, D. (2005). The Development of L2 tense-aspect in the romance languages. In Salaberry, R. & Ayoun, D. (orgs.). *Tense and Aspect in Romance Languages – Theoretical and Applied Perspectives*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2-33.

Schwartz, B. & Sprouse, R. (1994). Word order and nominative case in non-native language acquisition: a longitudinal study of (L1 Turkish) German interlanguage. In Hoekstra T. & Schwartz B. D. (orgs.). *Language acquisition studies in generative grammar*. Amesterdão: John Benjamins, 317-368.

Schwartz, B. & Sprouse, R. (1996). L2 cognitive states and the full transfer/full access model. *Second Language Research*, 12 (1), 40-72.

Shirai, Y. (2002). The prototype hypothesis of tense-aspect acquisition in second language. In Salaberry, R. & Shirai, Y. (orgs.). *The L2 acquisition of tense-aspect morphology*. Amesterdão: John Benjamins Publishing Company, 456-478.

Silva, B. L. (1984), *O dialecto crioulo de Cabo Verde*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Slabakova, R. & Montrul, S. (2002). On viewpoint aspect interpretation and its L2 acquisition – A UG perspective. In Salaberry, R. & Shirai, Y. (orgs.). *The L2 acquisition of tense-aspect morphology*. Amesterdão: John Benjamins Publishing Company, 363-395.

Smith, C. S. (1991). *The parameter of aspect*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.

Smith, N.V. & I.-M. Tsimpli (1995). *The mind of a savant: language-learning and modularity*. Oxford: Blackwell.

Tsimpli, I.-M. & Dimitrakopoulou, M. (2007). The interpretability hypothesis: evidence from *wh*-interrogatives in second language acquisition. *Second Language Research* 23 (2), 215–242.

Tsimpli, I.-M. & Smith, N.V. (1991). Second language learning: evidence from a polyglot *savant*. *UCL Working Papers in Linguistics* 3, 171-183.

Vainikka, A. & Young-Scholten, M. (1994). Direct access to X-bar theory: evidence from Korean and Turkish adults learning German. In Hoekstra, T. & Schwartz, B. D. (Orgsorgs.). *Language acquisition studies in generative grammar*. Amesterdão: John Benjamins, 265-315.

Veiga, M. (1995.) *O crioulo de Cabo Verde: introdução à gramática*. S. Vicente: Instituto Cabo-Verdiano do Livro e do Disco.

Vendler, Z. (1967). Verbs and Times, *Linguistics in Philosophy*. Ithaca: Cornell University Press.

White, L. (1998). Universal grammar in second language acquisition: the nature of interlanguage representation. In *UG access in L2 acquisition: Reassessing the question*, Honolulu: University of Hawai`i, Second Language Teaching & Curriculum Center, consultado a partir de <http://www.nflrc.hawaii.edu/networks/NW09/white.pdf> em 10 de Julho de 2009.

White, L. (2003). *Second Language Acquisition and Universal Grammar*, Cambridge: Cambridge University Press.

Apêndice A: Consentimento Informado

CONSENTIMENTO INFORMADO

Venho por este meio solicitar que autorize o seu educando _____ a participar num estudo sobre aquisição da Língua Portuguesa por falantes de Crioulo de Cabo Verde, no âmbito de uma tese de mestrado em Ciências da Linguagem (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa).

A participação neste estudo consiste na realização de um teste aplicado pelos professores do seu educando durante o período lectivo e no espaço da escola. Os dados recolhidos permanecerão confidenciais e serão apenas utilizados neste estudo. Esta participação será voluntária, pelo que poderá interrompê-la a qualquer momento.

O investigador

Reconhecendo que a participação neste estudo não representa nenhum inconveniente para o meu educando, autorizo a sua participação no mesmo.

O Encarregado de Educação

Apêndice B: Instrumento de Avaliação

Nome: _____ Idade: _____ Ano de escolaridade: _____

País de Origem: _____ Língua Materna: _____

Se a tua língua materna não for o Português responde às seguintes questões:

Quantos anos tinhas quando chegaste a Portugal? _____ Com que idade começaste a aprender Português? _____

Que língua(s) falas:

Com os teus pais? _____

Com o(s) teu(s) irmão(s)? _____

Com outros familiares? _____

Com os teus amigos? _____

Lê atentamente a seguinte história. Preenche os espaços, conjugando o verbo entre parênteses no tempo que considerares mais adequado.

Na noite em que o cavaleiro da Dinamarca e o comerciante de Veneza se conheceram, _____ (ficar) a conversar na varanda. Já há algumas horas que o cavaleiro da Dinamarca _____ (relatar) a sua viagem, quando, de repente, reparou num palácio ao longe e perguntou de quem era. O comerciante respondeu: “Este palácio pertence a Orso e, há alguns anos, passou-se aqui uma história muito interessante.”

E continuou:

“Vanina, sobrinha de Orso, perdeu os pais ainda bebé. Por isso, durante muitos anos, _____ (morar) no seu palácio.

Um dia, Orso _____ (prometer) a jovem em casamento a Arrigo, um velho, seu parente. Há anos que Orso _____ (sonhar) repetidamente com esse acontecimento. Mas aos 18 anos, Vanina _____ (recusar) casar com Arrigo (6). Então, Orso _____ (proibir) a jovem de sair do palácio sozinha.

Sempre que Orso estava fora, as criadas _____ (vigiar) Vanina. Todos os dias, a jovem prisioneira _____ (suspirar) no palácio. Nesses longos dias de prisão, Vanina _____ (cantar) sempre a sua canção preferida para se animar. Além disso, _____ (escrever) no seu diário constantemente. À noite, já sozinha, Vanina _____ (abrir) a janela do seu quarto. Todas as noites, a rapariga mais bela de Veneza _____ (pentear) os seus cabelos na varanda. Também _____ (recitar) o mesmo poema de amor vezes sem conta.

Até que uma noite, ao regressar de uma festa, Guidobaldo, capitão de um navio, _____ (passar) de barco perto do palácio de Orso. A cidade já _____ (dormir), quando o capitão viu Vanina pela primeira vez. Vanina, que _____ (sacudir) os seus cabelos, estava na varanda. Guidobaldo sentiu no ar o perfume dos seus cabelos e _____ (levantar) a cabeça. Vanina viu Guidobaldo e _____ (sorrir). Nessa noite, ela _____ (atirar) o seu pente de marfim ao capitão.

A partir desse dia, Vanina _____ (levantar-se) várias vezes por noite para ir à varanda. Na varanda _____ (espreitar) repetidamente pela janela na esperança de ver Guidobaldo. A verdade é que Vanina _____ (ansiar) constantemente voltar a ver Guidobaldo outra vez.

Quando Vanina e Guidobaldo se tornaram namorados, a notícia _____ (espalhar-se) rapidamente por toda a cidade. Orso, que _____ (sentir-se) frequentemente inquieto com a possibilidade de Vanina ter um namorado, ficou furioso.

Sabendo que Orso tinha jurado matar todos os rapazes que se aproximassem de Vanina, os amigos do capitão foram preveni-lo de que estava a arriscar a sua vida. Mas este ignorou-os e continuou a visitá-la.

Por isso, sempre que Guidobaldo visitava Vanina, os seus homens _____ (temer) o pior. Como tal, habitualmente eles _____ (seguir) Guidobaldo até ao palácio de Orso.

Mas, quando deslizava pelo canal, Guidobaldo até _____ (cantarolar) a sua canção favorita, repetidamente. O capitão não _____ (ter) medo de nada.

Apesar de saber que corria perigo, um dia Guidobaldo _____ (querer) pedir a mão de Vanina a Orso. Orso _____ (admirar) a sua coragem, mas, naturalmente, recusou o seu pedido. Guidobaldo ouviu, sorriu, fez uma reverência e saiu.

Nessa mesma noite, Guidobaldo apareceu para libertar Vanina, no momento em que ela _____ (fazer) uma trança na varanda. Guidobaldo _____ (levar) o barco até à parede do palácio. Vanina _____ (puxar) um cesto com uma escada até à varanda. Depois, _____ (descer) a escada até ao barco de Guidobaldo.

Ao mesmo tempo que Orso acordava no palácio, no cais, os namorados _____ (embarcar). Assim que entraram no navio, este _____ (navegar) pelo mar dentro. O navio de Guidobaldo _____ (afastar-se) rapidamente. E Guidobaldo e Vanina _____ (viajar) pelo mundo fora.

Ao aperceberem-se da fuga, as criadas de Vanina _____ (correr) para avisar Orso. Este _____ (ficar) furioso.

Ele e os seus homens _____ (correr) até ao cais. Mas Guidobaldo e Vanina já _____ (navegar) em alto-mar quando Orso chegou ao porto. Imediatamente, um velho marinheiro _____ (contar) a Orso tudo que tinha visto.

Orso já _____ (recrear) a fuga de Vanina quando isto aconteceu. Vanina já _____ (desejar) um futuro diferente há muito tempo, quando conheceu Guidobaldo”.

O cavaleiro da Dinamarca _____ (gostar) muito da história do comerciante de Veneza. No dia seguinte, _____ (seguir) viagem.

Apêndice C: Dados numéricos

Tabela 1

- Verificação da normalidade da distribuição para cada grupo no Pretérito Perfeito (PP) e no Pretérito Imperfeito (PI).

Tests of Normality							
Grupos		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	Df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Iniciação	n° de respostas correctas no PP	,164	11	,200*	,917	11	,294
	n° de respostas correctas no PI	,217	11	,157	,886	11	,125
Avançado	n° de respostas correctas no PP	,242	11	,072	,887	11	,126
	n° de respostas correctas no PI	,211	11	,187	,939	11	,511
Controlo	n° de respostas correctas no PP	,227	11	,120	,838	11	,030
	n° de respostas correctas no PI	,186	11	,200*	,927	11	,379

Tabela 2

- Resultados descritivos relativos à comparação entre o desempenho dos três grupos no Pretérito Perfeito (PP).

Descriptives								
N° de respostas correctas no PP								
	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Iniciação	11	14,82	4,579	1,381	11,74	17,89	7	22
Avançado	11	19,91	2,548	,768	18,20	21,62	15	23
Controlo	11	21,18	1,662	,501	20,06	22,30	19	23
Total	33	18,64	4,152	,723	17,16	20,11	7	23

Tabela 3

- Resultados do teste 1- way ANOVA para comparação de todos os grupos no Pretérito Perfeito.

ANOVA					
N° de respostas correctas no PP					
	Sum of Squares	Df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	249,455	2	124,727	12,383	,000
Within Groups	302,182	30	10,073		
Total	551,636	32			

Tabela 4

- Comparação do desempenho dos grupos no Pretérito Perfeito dois a dois.

Comparações Múltiplas						
Nº de respostas correctas no PP						
(I) grupo a que pertence	(J) grupo a que pertence	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Iniciação	Avançado	-5,091 [*]	1,353	,002	-8,43	-1,75
	Controlo	-6,364 [*]	1,353	,000	-9,70	-3,03
Avançado	Iniciação	5,091 [*]	1,353	,002	1,75	8,43
	Controlo	-1,273	1,353	,619	-4,61	2,06
Controlo	Iniciação	6,364 [*]	1,353	,000	3,03	9,70
	Avançado	1,273	1,353	,619	-2,06	4,61

Tabela 5

- Resultados descritivos relativos à comparação entre o desempenho dos três grupos no Pretérito Imperfeito (PI).

Descriptives								
Nº de respostas correctas no PI								
	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Iniciação	11	12,36	5,334	1,608	8,78	15,95	5	19
Avançado	11	18,45	2,911	,878	16,50	20,41	13	22
Controlo	11	22,18	1,328	,400	21,29	23,07	20	24
Total	33	17,67	5,383	,937	15,76	19,58	5	24

Tabela 6

- Resultados do teste 1- way ANOVA para todos os grupos no Pretérito Imperfeito (PI).

ANOVA					
Nº de respostas correctas no PI					
	Sum of Squares	Df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	540,424	2	270,212	20,952	,000
Within Groups	386,909	30	12,897		
Total	927,333	32			

Tabela 7

- Comparação entre o desempenho dos grupos no Pretérito Imperfeito dois a dois.

Multiple Comparisons						
Nº de respostas correctas no PI						
(I) grupo a que pertence	(J) grupo a que pertence	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
Iniciação	Avançado	-6,091 [*]	1,531	,001	-9,87	-2,32
	Controlo	-9,818 [*]	1,531	,000	-13,59	-6,04
Avançado	Iniciação	6,091 [*]	1,531	,001	2,32	9,87
	Controlo	-3,727	1,531	,054	-7,50	,05
Controlo	Iniciação	9,818 [*]	1,531	,000	6,04	13,59
	Avançado	3,727	1,531	,054	-,05	7,50

Tabela 8

- Verificação da normalidade da distribuição da diferença entre o desempenho intra-grupos no Pretérito Perfeito (PP) e no Pretérito Imperfeito (PI).

Tests of Normality						
Grupo		Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk	
		Statistic	df	Sig.	Statistic	Sig.
Iniciação	diferença entre PP e PI	,209	11	,197	,892	11
Avançado	diferença entre PP e PI	,183	11	,200*	,940	11
Controlo	diferença entre PP e PI	,136	11	,200*	,952	11

Tabela 9

- Resultados descritivos do teste *t* para amostras emparelhadas.

Paired Samples Statistics						
Grupo			Mean	N	Std. Deviation	Std. Error Mean
Iniciação	Pair 1	nº de respostas correctas no PP	14,82	11	4,579	1,381
		nº de respostas correctas no PI	12,36	11	5,334	1,608
Avançado	Pair 1	nº de respostas correctas no PP	19,91	11	2,548	,768
		nº de respostas correctas no PI	18,45	11	2,911	,878
Controlo	Pair 1	nº de respostas correctas no PP	21,18	11	1,662	,501
		nº de respostas correctas no PI	22,18	11	1,328	,400

Tabela 10

- Resultados do teste *t* para amostras emparelhadas.

Paired Samples Test										
Grupo			Paired Differences			95% Confidence Interval of the Difference		T	Df	Sig. (2-tailed)
			Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	Lower	Upper			
Iniciação	Pair 1	nº de respostas correctas no PP - nº de respostas correctas no PI	2,455	5,373	1,620	-1,155	6,064	1,515	10	,161
Avançado	Pair 1	nº de respostas correctas no PP - nº de respostas correctas no PI	1,455	3,857	1,163	-1,136	4,045	1,251	10	,239
Controlo	Pair 1	nº de respostas correctas no PP - nº de respostas correctas no PI	-1,000	2,324	,701	-2,561	,561	-1,427	10	,184

Tabela 11

- Verificação da normalidade da distribuição do desempenho dos participantes do grupo de iniciação com verbos não estativos e estativos no Pretérito Perfeito (PP) e no Pretérito Imperfeito (PI).

	Tests of Normality					
	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	Df	Sig.	Statistic	df	Sig.
diferença entre verbos não estativos e estativos no PI	,161	11	,200*	,942	11	,548
diferença entre verbos não estativos e estativos no PP	,142	11	,200*	,927	11	,386

Tabela 12

- Resultados descritivos relativos ao desempenho grupo de iniciação no Pretérito Perfeito e no Pretérito Imperfeito com verbos estativos e não estativos.

Statistics					
		Nº de respostas certas relativas a estados no PP	Nº de respostas certas relativas a estados no PI	Média de respostas correctas nos verbos não estativos para o PP	Média de respostas correctas nos verbos não estativos do PI
N	Valid	11	11	11	11
	Missing	0	0	0	0
Mean		2,8182	2,9091	4,0000	3,1515
Std. Deviation		1,47093	1,51357	1,14504	1,47093
Range		5,00	5,00	4,00	4,33
Minimum		,00	1,00	1,67	1,00
Maximum		5,00	6,00	5,67	5,33

Tabela 13

- Resultados do teste *t* para amostras emparelhadas relativo ao desempenho dos participantes do grupo de iniciação no Pretérito Perfeito (PP) com verbos estativos e verbos não estativos.

		Paired Samples Test								
		Paired Differences								
					95% Confidence Interval of the Difference					
		Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	Lower	Upper	T	df	Sig. (2-tailed)	
Pair 1	média de respostas certas nos verbos não estativos para o PP - N° de respostas certas relativas a estados no PP	1,18182	1,06837	,32213	,46408	1,89956	3,669	10	,004	

Tabela 14

- Resultados do teste t para amostras emparelhadas relativo ao desempenho dos participantes do grupo de iniciação no Pretérito Imperfeito (PI) com verbos estativos e verbos não estativos.

Paired Samples Test									
		Paired Differences					T	Df	Sig. (2-tailed)
		Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	95% Confidence Interval of the Difference				
					Lower	Upper			
Pair 1	Média de respostas correctas nos verbos não estativos do PI - N° de respostas certas relativas a estados no PI	,24242	1,49139	,44967	-,75950	1,24435	,539	10	,602

Tabela 15

- Verificação da normalidade da distribuição da diferença entre o desempenho dos participantes do grupo de avançado com verbos não estativos e estativos no Pretérito Perfeito (PP) e no Pretérito Imperfeito (PI).

Tests of Normality						
	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	Df	Sig.	Statistic	df	Sig.
DIFERENÇA NÃO ESTATIVO ESTATIVO PP	,121	11	,200*	,979	11	,958
DIFERENÇA NÃO ESTATIVO ESTATIVO PI	,187	11	,200*	,870	11	,077

Tabela 16

- Resultados descritivos relativos ao desempenho grupo avançado no PP e no PI com verbos estativos e não estativos.

		Statistics			
		n° de respostas certas relativas a estados no Pretérito Perfeito	n° de respostas certas relativas a estados no Pretérito Imperfeito	média de respostas certas nos verbos não estativos PP	média de respostas certas nos verbos não estativos PI
N	Valid	11	11	11	11
	Missing	0	0	0	0
Mean		4,0000	4,8182	5,3030	4,5455
Std. Deviation		1,18322	,98165	,62280	,68755
Range		4,00	3,00	2,00	2,00
Minimum		2,00	3,00	4,00	3,33
Maximum		6,00	6,00	6,00	5,33

Tabela 17

- Resultados do teste *t* para amostras emparelhadas relativo ao desempenho dos participantes do grupo avançado no Pretérito Perfeito (PP) com verbos estativos e verbos não estativos.

		Paired Samples Test						T	df	Sig. (2-tailed)
		Paired Differences								
		Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	95% Confidence Interval of the Difference					
					Lower	Upper				
Pair 1	média de respostas certas nos verbos não estativos PP - nº de respostas certas relativas a estados no Pretérito Perfeito	1,30303	1,12006	,33771	,55056	2,05550	3,858	10	,003	

Tabela 18

- Resultados do teste *t* para amostras emparelhadas relativo ao desempenho dos participantes do grupo avançado no Pretérito Imperfeito (PI) com verbos estativos e verbos não estativos.

Paired Samples Test									
		Paired Differences					t	df	Sig. (2-tailed)
		Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	95% Confidence Interval of the Difference				
					Lower	Upper			
Pair 1	média de respostas certas nos verbos não estativos PI - nº de respostas certas relativas a estados no Pretérito Imperfeito	-,27273	,59289	,17876	-,67103	,12558	-1,526	10	,158

Tabela 19

- Verificação da normalidade da distribuição da diferença entre o desempenho dos participantes do grupo de controlo com verbos não estativos e estativos no Pretérito Perfeito (PP) e no Pretérito Imperfeito (PI).

	Tests of Normality					
	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
DIFERENÇANE_E_PP	,201	11	,200*	,886	11	,125
DIFERENÇA NÃO ESTATIVO ESTATIVO PI	,104	11	,200*	,982	11	,975

Tabela 20

- Resultados descritivos relativos ao desempenho grupo de controlo no Pretérito Perfeito (PP) e no Pretérito Imperfeito (PI) com verbos estativos e não estativos.

		Statistics			
N	Valid	Nº de respostas certas nos estados pretérito perfeito	Nº de respostas certas nos estados do pretérito imperfeito	média de respostas certas para verbos não estativos no PP	média de respostas certas para verbos não estativos no PI
	Missing	11	11	11	11
Mean		4,8182	5,7273	5,4545	5,4848
Std. Deviation		,75076	,46710	,52223	,43111
Range		3,00	1,00	1,33	1,33
Minimum		3,00	5,00	4,67	4,67
Maximum		6,00	6,00	6,00	6,00

Tabela 21

- Resultados do teste *t* para amostras emparelhadas relativo ao desempenho dos participantes do grupo de controlo no Pretérito Perfeito (PP) com verbos estativos e verbos não estativos.

Paired Samples Test									
		Paired Differences					t	df	Sig. (2-tailed)
		Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	95% Confidence Interval of the Difference				
					Lower	Upper			
Pair 1	média de respostas certas para verbos não estativos no PP - Nº de respostas certas nos estados pretérito perfeito	,63636	,95980	,28939	-,00844	1,28116	2,199	10	,053

Tabela 22

- Resultados do teste *t* para amostras emparelhadas relativo ao desempenho dos participantes do grupo de controlo no Pretérito Imperfeito (PI) com verbos estativos e verbos não estativos.

Paired Samples Test									
		Paired Differences					t	df	Sig. (2-tailed)
		Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	95% Confidence Interval of the Difference				
					Lower	Upper			
Pair 2	média de respostas certas para verbos não estativos no PI - Nº de respostas certas nos estados do pretérito imperfeito	-,24242	,66818	,20146	-,69131	,20647	-1,203	10	,257

Tabela 23

- Verificação da normalidade da distribuição para cada classe aspectual no grupo de Iniciação.

	Tests of Normality					
	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	Df	Sig.	Statistic	Df	Sig.
Diferença entre PP e PI nas culminações	,155	11	,200 [*]	,970	11	,891
Diferença entre PP e PI nos processos culminados	,198	11	,200 [*]	,957	11	,738
Diferença entre PP e PI nos processos	,256	11	,042	,908	11	,231
Diferença entre PP e PI nos estados	,229	11	,110	,872	11	,081

Tabela 24

- Resultados descritivos relativos ao desempenho do grupo de Iniciação em cada classe aspectual no Pretérito Perfeito (PP).

		Nº de respostas certas relativas a culminações no PP	Nº de respostas certas relativas a processos culminados no PP	Nº de respostas certas relativas a processos no PP	Nº de respostas certas relativas a estados no PP
N	Valid	11	11	11	11
	Missing	0	0	0	0
Mean		4,9091	3,3636	3,7273	2,8182
Minimum		3,00	,00	1,00	,00
Maximum		6,00	6,00	6,00	5,00

Tabela 25

- Resultados descritivos relativos ao desempenho do grupo de Iniciação em cada classe aspectual no Pretérito Imperfeito (PI).

		Statistics			
		Nº de respostas certas relativas a culminações no PI	Nº de respostas certas relativas a processos culminados no PI	Nº de respostas certas relativas a processos no PI	Nº de respostas certas relativas a estados no PI
N	Valid	11	11	11	11
	Missing	0	0	0	0
Mean		2,8182	3,0909	3,5455	2,9091
Minimum		,00	1,00	,00	1,00
Maximum		5,00	6,00	6,00	6,00

Tabela 26

- Teste de amostras emparelhadas relativo ao desempenho dos participantes do grupo de Iniciação em cada classe aspectual no Pretérito Perfeito (PP) e no Pretérito Imperfeito (PI).

Paired Samples Test									
		Paired Differences					t	df	Sig. (2-tailed)
					95% Confidence Interval of the Difference				
		Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	Lower	Upper			
Pair 1	Nº de respostas certas relativas a culminações no PP - Nº de respostas certas relativas a culminações no PI	2,09091	1,92117	,57926	,80025	3,38157	3,610	10	,005
Pair 2	Nº de respostas certas relativas a processos culminados no PP - Nº de respostas certas relativas a processos culminados no PI	,27273	1,84883	,55744	-,96934	1,51479	,489	10	,635
Pair 3	Nº de respostas certas relativas a processos no PP - Nº de respostas certas relativas a processos no PI	,18182	2,48267	,74855	-1,48606	1,84970	,243	10	,813
Pair 4	Nº de respostas certas relativas a estados no PP - Nº de respostas certas relativas a estados no PI	-,09091	1,44600	,43598	-1,06234	,88053	-,209	10	,839

Tabela 27

- Verificação da normalidade da distribuição do desempenho dos participantes do grupo avançado em cada classe aspectual no Pretérito Perfeito (PP) e no Pretérito Imperfeito (PI).

	Tests of Normality					
	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	Df	Sig.	Statistic	Df	Sig.
diferença entre respostas certas nas culminações PP e PI	,215	11	,165	,904	11	,205
diferença entre respostas certas nos processos culminados PP e PI	,245	11	,063	,931	11	,426
diferença entre respostas certas nos processos PP e PI	,198	11	,200 [*]	,919	11	,312
diferença entre respostas certas nos estados PP e PI	,198	11	,200 [*]	,919	11	,312

Tabela 28

- Resultados estatísticos relativos ao desempenho dos participantes do grupo avançado em cada classe aspectual no Pretérito Perfeito (PP).

		Statistics			
		n° de respostas certas relativas a culminações no Pretérito Perfeito	n° de respostas certas relativas a processos culminados no Pretérito Perfeito	n° de respostas certas relativas a processos no Pretérito Perfeito	n° de respostas certas relativas a estados no Pretérito Perfeito
N	Valid	11	11	11	11
	Missing	0	0	0	0
Mean		5,8182	5,0909	5,0000	4,0000
Std. Deviation		,40452	1,44600	1,00000	1,18322
Range		1,00	4,00	3,00	4,00
Minimum		5,00	2,00	3,00	2,00
Maximum		6,00	6,00	6,00	6,00

Tabela 29

- Resultados estatísticos relativos ao desempenho dos participantes do grupo avançado em cada classe aspectual no Pretérito Imperfeito (PI).

		Statistics			
		n° de respostas certas relativas a culminações no Pretérito Imperfeito	n° de respostas certas relativas a processos culminados no Pretérito Imperfeito	n° de respostas certas relativas a processos no Pretérito Imperfeito	n° de respostas certas relativas a estados no Pretérito Imperfeito
N	Valid	11	11	11	11
	Missing	0	0	0	0
Mean		4,2727	4,1818	5,1818	4,8182
Std. Deviation		1,00905	1,16775	,75076	,98165
Range		3,00	4,00	2,00	3,00
Minimum		3,00	2,00	4,00	3,00
Maximum		6,00	6,00	6,00	6,00

Tabela 30

- Resultados do teste *t* de amostras emparelhadas relativo à comparação do desempenho dos participantes do grupo avançado em cada classe aspectual no Pretérito Perfeito (PP) e no Pretérito Imperfeito (PI).

Paired Samples Test									
		Paired Differences					T	Df	Sig. (2-tailed)
					95% Confidence Interval of the Difference				
		Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	Lower	Upper			
Pair 1	nº de respostas certas relativas a culminações no pretérito perfeito - nº de respostas certas relativas a culminações no Pretérito Imperfeito	1,54545	1,03573	,31228	,84964	2,24126	4,949	10	,001
Pair 2	nº de respostas certas relativas a processos culminados no Pretérito Perfeito - nº de respostas certas relativas a processos culminados no Pretérito Imperfeito	,90909	2,02260	,60984	-,44971	2,26789	1,491	10	,167
Pair 3	nº de respostas certas relativas a processos no Pretérito Perfeito - nº de respostas certas relativas a processos no Pretérito Imperfeito	-,18182	1,47093	,44350	-1,17000	,80637	-,410	10	,690
Pair 4	nº de respostas certas relativas a estados no Pretérito Perfeito - nº de respostas certas relativas a estados no Pretérito Imperfeito	-,81818	1,47093	,44350	-1,80637	,17000	-1,845	10	,095

Tabela 31

- Verificação da normalidade da distribuição do desempenho dos participantes do grupo de controlo em cada classe aspectual no Pretérito Perfeito (PP) e no Pretérito Imperfeito (PI).

	Tests of Normality					
	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	Df	Sig.	Statistic	Df	Sig.
1- diferença entre culminações no PP e PI	,280	11	,016	,785	11	,006
2-diferença entre processos culminados no PP e PI	,282	11	,014	,831	11	,024
3-diferença entre processos no PP e PI	,275	11	,020	,879	11	,100
4-diferença entre estados no PP e PI	,385	11	,000	,724	11	,001

Tabela 32

- Resultados estatísticos relativos ao desempenho dos participantes do grupo de controlo em cada classe aspectual no Pretérito Perfeito (PP).

		Statistics			
N	Valid	Nº de respostas certas nas culminações do pretérito perfeito	Nº de respostas certas nos processos culminados do pretérito perfeito	Nº de respostas certas nos processos do preterit	Nº de respostas certas nos estados pretérito perfeito
	Missing	11	11	11	11
Mean		5,2727	5,8182	5,2727	4,8182
Std. Deviation		,78625	,60302	,78625	,75076
Range		2,00	2,00	2,00	3,00
Minimum		4,00	4,00	4,00	3,00
Maximum		6,00	6,00	6,00	6,00

Tabela 33

- Resultados estatísticos relativos ao desempenho dos participantes do grupo de controlo em cada classe aspectual no Pretérito Imperfeito (PI).

		Statistics			
N	Valid	Nº de respostas certas nas culminações do pretérito imperfeito	Nº de respostas certas nos processos culminados do pretérito imperfeito	Nº de respostas certas nos processos do pretérito imperfeito	Nº de respostas certas nos estados do pretérito imperfeito
	Missing	11	11	11	11
Mean		5,4545	5,3636	5,6364	5,7273
Std. Deviation		,52223	,92442	,50452	,46710
Range		1,00	2,00	1,00	1,00
Minimum		5,00	4,00	5,00	5,00
Maximum		6,00	6,00	6,00	6,00

Tabela 34

- Resultados do teste Wilcoxon relativos à comparação do desempenho dos participantes do grupo de controlo nas culminações, processos culminados e estados no Pretérito Perfeito (PP) e no Pretérito Imperfeito (PI).

	Nº de respostas certas nas culminações do pretérito imperfeito - Nº de respostas certas nas culminações do pretérito perfeito	Nº de respostas certas nos processos culminados do pretérito imperfeito - Nº de respostas certas nos processos culminados do pretérito perfeito	Nº de respostas certas nos estados do pretérito imperfeito - Nº de respostas certas nos estados pretérito perfeito
Z	-,707 ^a	-1,131 ^b	-2,887 ^a
Asymp. Sig. (2-tailed)	,480	,258	,004

Tabela 35

- Resultado do teste *t* para amostras emparelhadas, relativo à comparação do desempenho dos participantes do grupo de controlo com os processos no Pretérito Perfeito (PP) e no Pretérito Imperfeito (PI).

Paired Samples Test									
		Paired Differences					t	df	Sig. (2-tailed)
		Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	95% Confidence Interval of the Difference				
					Lower	Upper			
Pair 1	Nº de respostas certas nos processos do pretérito perfeito - Nº de respostas certas nos processos do pretérito imperfeito	-,36364	1,02691	,30963	-1,05352	,32625	-1,174	10	,267

Tabela 36

- Verificação da normalidade da distribuição relativa ao desempenho dos participantes do grupo de Iniciação no Pretérito Perfeito (PP) na presença e ausência de adverbais.

	Tests of Normality					
	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
diferença entre respostas certas com e sem adverbais	,195	11	,200*	,948	11	,620

Tabela 37

- Resultados descritivos relativos ao desempenho dos participantes do grupo de Iniciação com verbos estativos no Pretérito Perfeito (PP) na presença e ausência de adverbais.

		Nº de respostas certas em verbos do PP com adverbais	Nº de respostas certas em verbos do PP sem adverbais
N	Valid	11	11
	Missing	0	0
Mean		1,3636	1,4545
Std. Deviation		,80904	1,03573
Range		2,00	3,00
Minimum		,00	,00
Maximum		2,00	3,00

Tabela 38

- Resultados do teste *t* de amostras emparelhadas relativos à comparação do desempenho do grupo de iniciação com verbos estativos no Pretérito Perfeito (PP) na presença e ausência de adverbais.

		Paired Differences					T	Df	Sig. (2-tailed)
		Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	95% Confidence Interval of the Difference				
Pair 1	Nº de respostas certas em verbos do PP com adverbais - Nº de respostas certas em verbos do PP sem adverbais	-,09091	1,13618	,34257	-,85421	,67239	-,265	10	,796

Tabela 39

- Verificação da normalidade da distribuição relativa ao desempenho dos participantes do grupo Avançado no Pretérito Perfeito (PP) na presença e ausência de adverbais.

	Tests of Normality					
	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	Df	Sig.	Statistic	df	Sig.
diferença entre nº de respostas certas em verbos com e sem adverbais	,282	11	,015	,786	11	,006

Tabela 40

- Resultados descritivos relativos ao desempenho dos participantes do grupo Avançado com verbos estativos no Pretérito Perfeito na presença e ausência de adverbiais.

		Nº de respostas certas em verbos do PP com adverbiais	Nº de respostas certas em verbos do PP sem adverbiais
N	Valid	11	11
	Missing	0	0
Mean		1,8182	2,1818
Std. Deviation		,60302	,75076
Range		2,00	2,00
Minimum		1,00	1,00
Maximum		3,00	3,00

Tabela 41

- Resultados do teste Wilcoxon relativos à comparação do desempenho do grupo de iniciação com verbos estativos no Pretérito Perfeito na presença e ausência de adverbiais.

Test Statistics ^b	
	Nº de respostas certas em verbos do PP sem adverbiais - Nº de respostas certas em verbos do PP com adverbiais
Z	-1,633 ^a
Asymp. Sig. (2-tailed)	,102

Tabela 42

- Verificação da normalidade da distribuição relativa ao desempenho dos participantes do grupo de controlo no Pretérito Perfeito (PP) na presença e ausência de adverbiais.

Tests of Normality						
	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	Df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Nº de respostas certas em verbos do PP com adverbiais	,353	11	,000	,649	11	,000
Nº de respostas certas em verbos do PP sem adverbiais	,282	11	,015	,786	11	,006

Tabela 43

- Resultados descritivos relativos ao desempenho dos participantes do grupo de controlo com verbos estativos no Pretérito Perfeito (PP) na presença e ausência de adverbiais.

	Nº de respostas certas em verbos do PP com adverbiais	Nº de respostas certas em verbos do PP sem adverbiais
N Valid	11	11
Missing	0	0
Mean	2,4545	2,3636
Std. Deviation	,52223	,67420
Range	1,00	2,00
Minimum	2,00	1,00
Maximum	3,00	3,00

Tabela 44

- Resultados do teste Wilcoxon relativos ao desempenho dos participantes do grupo de controlo com verbos estativos no Pretérito Perfeito (PP) na presença e ausência de adverbiais.

	Nº de respostas certas em verbos do PP sem adverbiais - Nº de respostas certas em verbos do PP com adverbiais
Z	-,333 ^a
Asymp. Sig. (2-tailed)	,739

